



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

IVANI DOS SANTOS CARDOSO

**SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: Análise na Escola
E.M.E.F. Antônio Gonzaga Barros, Itaituba-PA**

Itaituba–PA

2020

IVANI DOS SANTOS CARDOSO

SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: Análise na Escola
E.M.E.F. Antônio Gonzaga Barros, Itaituba-PA

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de
Itaituba para obtenção do título Licenciada Plena em
Pedagogia.

Orientador: Prof.º Esp. Dhemesbraene Soares da
Silva.

Itaituba-PA

2020

IVANI DOS SANTOS CARDOSO

SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: Análise na Escola
E.M.E.F. Antônio Gonzaga Barros, Itaituba-PA

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de
Itaituba para obtenção do título Licenciada Plena em
Pedagogia.

Orientador: Prof.^o Esp. Dhemesbraene Soares da
Silva.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____ Nota: _____
Prof.^o Dhemesbraene Soares da Silva, Esp.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 31 de janeiro de 2020

Com gratidão, dedico essa Monografia a Deus e ao meu marido Hilton, pois sem eles nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a **Deus**, por ter me mantido na trilha certa durante o tempo em que estive na graduação, com saúde e forças para chegar até o final e concluir de forma satisfatória.

Ao meu professor e orientador **Dhemesbraene Soares da Silva**, que apesar dessa rotina corrida em sua vida, aceitou estar comigo nesse desafio e repassar as devidas informações necessárias, e também meu agradecimento se estende a todos os meus **professores do curso Pedagogia na instituição FAI**.

A toda comunidade escolar da escola municipal Antônio Gonzaga Barros que participaram da pesquisa e concretização deste trabalho. Retribuo minha gratidão aos meus colegas de curso pelos conhecimentos compartilhados, ao meu pai, a minha irmã e a todas as pessoas que contribuíram de forma direta e indiretamente para que eu chegasse a este momento de vitória.

Externo um agradecimento especial ao meu marido **Hilton Oliveira Souza** (codinome **Pino**), que acima de tudo é meu grande amigo, sempre esteve comigo nos momentos difíceis e pude contar firmemente com o seu apoio, incentivo e motivação, e isso contribuiu para que eu chegasse até aqui, muito obrigada!

*Não diga que a vitória está perdida.
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida.
Tente outra vez!*

(Raul Seixas)

RESUMO

Este estudo teve por objetivo avaliar as concepções de professores sobre a Educação Sexual no Ambiente Escolar, averiguar como os professores abordam o tema de forma que venha contribuir e sensibilizar os jovens dos riscos no ato sexual e outros aspectos e identificar as dificuldades que eles enfrentam ao tratar em especial sobre a tema “Sexualidade” que se trata de um conjunto de comportamentos que concernem à satisfação da necessidade e do desejo sexual do ser humano e que refletindo sobre ela e a conhecendo melhor, eleva a qualidade de vida e o relacionamento interpessoal. A pesquisa é de natureza exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, desenvolvida em três procedimentos: levantamento bibliográfico, documental e estudo de campo. Este terceiro, foi realizado com 10 professores atuantes do 6º ao 9º ano, que ministram as disciplinas básicas ofertadas pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Gonzaga Barros, situada no Bairro Bom Remédio em Itaituba/PA. A base teórica deste material está fundamentada em documentos oficiais que regem o sistema educacional no Brasil e obras de autores como Tiba (1994), Figueiró (2009), Farias e Nantes (2015), Louro (2008), Pastana e Maia (2013), Egypto (2012), Arquino e Martelli (2012), Mendes e Ribeiro (2019) e outros. Para o levantamento de dados foi utilizado um questionário avaliativo contendo 20 perguntas organizadas em 4 categorias. Através dos dados adquiridos foi constatado que há uma enorme necessidade de promover formação continuada para capacitar os professores, estimulando-os, orientando-os e, principalmente, apoiando-os, para que os mesmos possam desenvolver um trabalho de debates e reflexões junto aos alunos, para que estes reflitam e avaliem seus próprios conceitos e valores pessoais/sociais, concedendo liberdade de expressão na sala de aula que é seu segundo ambiente acolhedor, promovendo a afetividade e o respeito quanto as escolhas e pensamentos do próximo em suas disciplinas.

Palavras-chave: Educação Sexual. Sexualidade. Formação Continuada. Afetividade e Respeito.

ABSTRACT

This study aimed to evaluate teachers' conceptions about Sex Education in the School Environment, to investigate how teachers approach the theme in a way that will contribute and make young people aware of the risks in the sexual act and other aspects and to identify the difficulties they face when dealing with sex. dealing in particular with the theme "Sexuality", which is a set of behaviors that concern the satisfaction of sexual need and desire of the human being and that reflecting on it and knowing it better, raises the quality of life and interpersonal relationship. The research is exploratory and descriptive, with a qualitative approach, developed in three procedures: bibliographic, documentary and field study. This third was carried out with 10 teachers working from 6th to 9th grade, who teach the basic subjects offered by Antonio Gonzaga Barros Municipal School of Elementary School, located in the Bom Remédios neighborhood in Itaituba / PA. The theoretical basis of this material is based on official documents governing the educational system in Brazil and works by authors such as Tiba (1994), Figueiró (2009), Farias and Nantes (2015), Louro (2008), Pastana and Maia (2013) , Egypto (2012), Arquino and Martelli (2012), Mendes and Ribeiro (2019) and others. For data collection an evaluative questionnaire was used containing 20 questions organized in 4 categories. From the data acquired it was found that there is a huge need to promote continuing education to empower teachers, encouraging them, guiding them and, especially, supporting them, so that they can develop a work of debate and reflection with the students. , so that they reflect and evaluate their own personal / social concepts and values, granting freedom of expression in the classroom that is their second welcoming environment, promoting affection and respect for the choices and thoughts of others in their disciplines.

Keywords: Sex Education. Sexuality. Continuing Formation. Affection and Respect.

LISTAS DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 01 – Fases Psicosexuais por Sigmund Freud.....	19
Figura 02 – Estrutura dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.....	30
Gráfico 01 – Educação sexual/Sexualidade na escola durante a graduação?.....	52
Gráfico 02 – Educação sexual/Sexualidade na escola durante a especialização/mestrado/doutorado.....	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Dados pessoais dos professores participantes.....	50
Quadro 02 – Dados sobre a carreira profissional.....	51
Quadro 03 – Títulos pesquisados no Catálogo Capes por tipo de Programa e Estado de origem.....	55
Quadro 04 – Qual o conceito de sexualidade para você?.....	56
Quadro 05 – O que você entende por Educação Sexual?.....	58
Quadro 06 – Influência do conhecimento ou das experiências sexuais dos estudantes na sala de aula.....	60
Quadro 07 – Diferentes opções sexuais (homossexualidade).....	62
Quadro 08 – Dificuldades que professores enfrentam ao trabalhar o tema sexualidade.....	64
Quadro 09 – Estratégia pedagógica que facilite o ensino e sensibilize os alunos.....	66
Quadro 10 – Objetivos que o professor deve ter ao trabalhar com a temática “sexualidade na escola”.....	69
Quadro 11 – Opinião do professor participante ao presenciar alunos que falam sempre em sexo.....	69
Quadro 12 – Possibilidades do professor em trabalhar o tema com seus atuais/futuros alunos.....	72
Quadro 13 – Atividade e o assunto didático caso o professor trabalhe a sexualidade hoje.....	75

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ABORDAGEM HISTÓRICA E TEÓRICA DA SEXUALIDADE.....	13
2.1 BREVE HISTÓRICO E CONCEITOS DA SEXUALIDADE.....	13
2.2 A SEXUALIDADE NA ABORDAGEM FREUDIANA	17
2.2.1 As Fases Psicosssexuais	19
2.3 A FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE DA CRIANÇA.....	22
2.4 A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE E DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA SEXUALIDADE	25
3 SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	29
3.1 EDUCAÇÃO SEXUAL SEGUNDO OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs).....	29
3.2 O PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL DOS ALUNOS.....	34
3.3 EDUCAÇÃO SEXUAL E O PAPEL DOS PROFESSORES	38
3.4 DESAFIOS DO PROCESSO DA EDUCAÇÃO SEXUAL	42
4 SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: ANÁLISE NA ESCOLA E.M.E.F. ANTÔNIO GONZAGA BARROS, ITAITUBA-PA	45
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	45
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	48
4.3 ANÁLISES DOS RESULTADOS	49
4.3.1 Categoria: Dados pessoais dos Docentes Participantes.....	49
4.3.2 Categoria: Perfil profissional dos Docentes Participantes.....	50
4.3.3 Categoria: Contato com o tema na Formação	51
4.3.4 Categoria: Conhecimento sobre a Sexualidade no Ambiente Escolar	55
4.4 PARECER SOBRE OS RESULTADOS	77
5. CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS.....	80
ANEXOS	87
QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR	88

INTRODUÇÃO

O tema “Sexualidade no Ambiente Escolar” refere-se a um assunto inquietante do universo dos adolescentes e jovens e que vai além dos aspectos âmbito biológico, fisiológico e anatômico, pois a sexualidade é um conjunto de o conjunto de comportamentos que concernem à satisfação da necessidade e do desejo sexual e que está associada ao desenvolvimento holístico do indivíduo fazendo parte da sua vivência e compondo sua personalidade.

Os questionamentos que impulsionaram esta pesquisa foram: quais as dificuldades que os professores enfrentam ao trabalhar o tema sexualidade na escola e como abordar o tema de forma que venha contribuir e sensibilizar os jovens dos riscos no ato sexual. A escolha desta temática é justificada pelo fato de ser um tema preocupante, pois o mesmo ainda é fortalecido de tabus e preconceitos. E faz com que o assunto fique bloqueado, pelo medo e julgamento.

O estudo objetiva uma análise teórica sobre a concepção dos professores em trabalhar o assunto dentro de suas disciplinas curriculares, fornecendo respaldo aos professores de que a temática precisa ser inserida no ambiente escolar, fundamentada em uma metodologia diferenciada, promovendo uma interação crítica e reflexiva das situações vivenciadas no cotidiano de nossos alunos, bem como questões que favoreçam discussões e reflexões sobre diversidade sexual, preconceitos e tabus que envolvem a sexualidade.

A pesquisa está respaldada em documentos oficiais que regem a educação no Brasil, conceitos e orientações de autores como Tiba (1994), Figueiró (2009), Farias e Nantes (2015), Pastana e Maia (2013), Egypto (2012), Arquino e Martelli (2012) e está estruturado em cinco sessões: Introdução, Referencial Teórico, Resultados e Discussões e Conclusão.

Este trabalho está estruturado em cinco sessões: Introdução, Referencial Teórico sobre a Sexualidade, seguido de uma abordagem sobre Educação Sexual no Ambiente Escolar, Análises de resultados e Considerações finais. A primeira sessão apresenta a pesquisa como um todo através da introdução, problemáticas, justificativas sobre a realização deste estudo, seus objetivos e os termos centrais utilizados que demonstra a proposta detalhada ao leitor.

Na segunda sessão, têm-se uma abordagem histórica e teórica da sexualidade desde a antiguidade na sociedade grega sob questões de parâmetros

biológicos até as concepções teóricas de Freud, com destaque as cinco Fases Psicosssexuais.

A terceira sessão apresenta algumas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a orientação sexual na escola, enfatiza qual o real papel da escola com relação ao assunto, as atribuições do docente na Educação Sexual e finaliza com a admissão de que a temática se entende a outras dimensões, daquelas que estão nos livros didáticos de Ciências ou Biologia.

Já na quarta sessão, estão descritos os procedimentos metodológicos, cuja natureza é exploratória e descritiva com abordagem qualitativa, informando a caracterização de uma escola pública no Município de Itaituba/PA, onde foi realizada a pesquisa de campo, na qual foi aplicado um questionário avaliativo, contendo 20 perguntas organizadas em 4 categorias, sendo complementado com o parecer sobre os resultados discutidos.

O estudo finaliza com a constatação há uma enorme necessidade de promover formação continuada para capacitar os professores, estimulando-os, orientando-os e, principalmente, apoiando-os, para que os mesmos possam desenvolver um trabalho de debates e reflexões junto aos alunos, para que estes reflitam e avaliem seus próprios conceitos e valores pessoais/sociais.

1. ABORDAGEM HISTÓRICA E TEÓRICA DA SEXUALIDADE

1.1 BREVE HISTÓRICO E CONCEITOS DA SEXUALIDADE

O termo “sexualidade” tem sido apontado como uma peça de estudos e análises em diversos campos científicos, seja nos aspectos filosóficos, psicológicos, sociais, educacionais e outros. Mesmo havendo várias matérias que discutem sobre a temática, ainda não se tem uma definição exata do que é a sexualidade, pois a mesma é assumida em seus sentidos polissêmicos, variando de acordo com a cultura ou o campo de conhecimento em que está sendo indagado. (AMORIM, 2014)

Nos dias atuais, as obras literárias especializadas para este tipo de assunto demonstram pontos de avanços que estão acima de sua compreensão, entretanto, muitas falhas ainda permanecem em aberto (AMORIM, 2014). Com isso, muitas pesquisas são desenvolvidas na busca de desvendar esse aspecto nos seres humanos, por estes serem os principais seres pensantes, com habilidade cognitiva de dar sentido a sua vida, tendo como recursos principais: experiências de vida.

A sexualidade é conceituada por Rodrigues (2004) como um conjunto de fenômenos sexuais provenientes da relação sexual que são analisadas nos seres vivos, em especial a sua reprodução. A questão da reprodução faz com que o pesquisador associe a sexualidade as experiências ocorridas no período da infância, e que são exteriorizadas nas faixas etárias seguintes, retratando significações sobre si mesmas, como aborda Freud (1996).

Para outros investigadores, a sexualidade estaria voltada às questões de parâmetros biológicos, que estabelecem algumas atitudes como normativas, e outras são intituladas como traços que desvirtuam e são antinaturais (MOTT, 2007). Por isso, é importante uma explanação de referências históricas, psicológicas e sociais sobre o tema, partindo de sua existência, abrangendo os modos do ser humano (comportamento) até entender seus sentidos e significados sociais, individual e coletivamente, para melhor compreensão deste fenômeno na própria sociedade.

No contexto histórico, o papel da mulher era visto como a principal criadora da força e da vida, que segundo Roberts (1988), seria ela a que estaria ligada ao ser divino para gerar vidas na terra. O autor cita a mulher no processo de encarnação terrena, sendo ela uma deusa capaz de manter o elo entre a comunidade humana

com sua divindade, as quais fizeram como “sacerdotisas xamânicas” (ROBERTS, 1998, p. 20-21).

Uma das narrativas clássica citado por Amorim (2014) é o de Bachofen (1861). O autor menciona que no período matriarcal, o mundo era dominado pela mulher, devido as misturas confusas nas relações sexuais, que consequentemente modificava o comportamento das classes primitivas tradicionais, em “acasalamentos circunstanciais”, sem qualquer imposição de regras ou compromissos.

Nessa época, ela obtinha seus parceiros sexuais, e era a única a determinar a paternidade na reprodução de seus filhos. Neste caso, o homem nada mais era que um ser reprodutor, que não alimentavam algum tipo de elo ou vínculo afetivo com os descendentes, pois neste período a importância era apenas da mãe. (BACHOFEN, 1861 *apud* AMORIM, 2014).

Diante dessas colocações, pode-se verificar com clareza que a mulher por um longo tempo foi um símbolo de destaque no meio social, até chegar o momento em que os valores do sexo masculino fossem postos em evidência, colocando o papel da mulher como a organizadora do seu ambiente familiar (BACHOFEN, 1861 *apud* AMORIM, 2014).

Essa mudança é retratada em muitas teorias, e foram justificadas desde a valorização dos deuses masculinos, até a força masculina na conquista de territórios, transparecendo a ideologia de que o homem é o proprietário de terras, logo não deixaria de ser também das mulheres.

Essa ideia de posse é o que muitas pesquisas apresentam quando se trata da atuação da mulher ativa nos afazeres de sua casa e na criação dos filhos, e comportamentos vistos como irregulares resultavam na má interpretação da sociedade. No material de Roberts (1998), tem-se uma clara determinação teórica de que a autonomia da mulher com relação a atos sexuais era interpretada como ações inadequadas.

Nos tempos da antiguidade, as relações dos homens segundo Foucault (1997) eram chamadas de “philia”. O autor explica que este termo representava um sentimento por pessoas mais novas e mesmo sexo, sem algum tipo de pensamento voltado a homossexualidade.

O enlace matrimonial também citado pelo autor, era tido como uma união informal, sem cerimônia, que não era uma organização social definitiva, mas que

funcionava como um quesito para suprir a necessidade sexual do homem, este que passava a morar com a sua mulher durante um ano.

Aparentemente, o homem e a mulher mesmo estando casados não deixavam de ter suas relações paralelas com outros do mesmo sexo (FOUCAULT, 1997). Verifica-se no contexto histórico que outros motivos eram pertinentes como justificativas para condicionar o casamento: a união para reprodução; manter o casamento para assegurar a educação dos descendentes; a comodidade, a ajuda, a parceria no decorrer do cotidiano que proporcionava ainda mais o interesse do convívio a dois, sem deixar de lado as atividades e obrigações e a constituição da família como base social para a cidade.

Mesmo com a necessidade da formação familiar, a autor relata que o amor verdadeiro, poderia ser vivido na relação entre dois homens, tendo a revelação da sexualidade estabelecida devidos os deveres sociais, e não exatamente por causa da prática em si. O mesmo autor reitera que essa relação entre os homens, reconhecida como verdadeiro sentimento de amor está acima dos atributos da mulher, colocando-a como uma referencia de inclinação da natureza.

Ou seja, a relação com a mulher era apenas uma escassez, que o desejo intitulado “orexis” era o que induzia a prática do sexo entre o homem e a mulher, o que conseqüentemente os fazia produzir da mesma forma como o ser humano tem a precisão de se alimentar todos os dias (FOUCAULT, 1997).

Na sociedade grega, a reprodução e a criação dos filhos era o que constituía o casamento, pois o homem assumia outros papéis, como o chefe que arcava com as despesas, era responsável pela formação cidadã dos descendentes, enquanto que a mulher era responsável pelas atividades domésticas, e poucos registros relatam questões da sexualidade feminina, discorre Lindenberg (2005).

O escritor Lindenberg (2005) informa que em algumas escritas encontra-se a explanação histórica de uma mulher que fundou um centro de ensino em uma pequena ilha chamada Lesbos na região grega. A Safo se prestava a ensinar música e poesia as meninas, cuja temática principal era o amor. Era muito provável que esta mulher poderia ter algum envolvimento sexual com alguma de suas alunas, sendo assim, documentado os primeiros casos entre mulheres.

Com a prevalência do Cristianismo, após a queda do Império Romano. Constantino determinou a repressão para aqueles que cometiam tais atos que fosse diferente da base familiar: relacionamento do homem com a mulher (FOUCAULT,

1997). Logo, o padrão de família se manteve na criação e educação dos filhos como sendo uma característica de prestígio social.

Apesar das inibições da sexualidade do homem e da mulher na sociedade grega, o sentido tem assumido outras direções de acordo com a cultura na qual ela se trata. Amorim (2014) aborda que nos dias atuais reconhecer a sexualidade como um tema de ampla discussão, pode ser exposto de forma equívoca, pois a prática sexual não está subordinada somente ao ato do sexo entre dois indivíduos, independentemente de sua identidade, mas se estende para outros entendimentos.

A sexualidade é interpretada por suas diferentes formas, porque carrega traços culturais de uma massa, por isso que Amorim (2014) coloca que o tema envolve características de costumes, leis, arte, religião. Goffman (1988) questiona que a sociedade tem estabelecido estereótipos de acordo com os comportamentos e ações das pessoas em seus ambientes de convívio.

De acordo com Goffman:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular (GOFFMAN, 1988, p. 13).

Tais estereótipos tem aumentado desde a discriminação a exclusão social, o que tem gerado muito transtornos psicológicos para os que estão envolvidos diretamente. Além desses aspectos, a sexualidade representa o afeto íntimo entre duas pessoas, com a principal importância do desejo individual do ser humano. O sociólogo Giddens (1993) salienta que a sexualidade é um fenômeno que possui características variadas e peculiares, e conseqüentemente, os requisitos tradicionais acabam sendo deixados de lado.

Diante dessa diversidade interpretativa é que se faz necessário a realização de um trabalho educativo na escola junto a família, para possibilitar conceitos e atividades de orientação sexual para o maior entendimento, desenvolvimento pleno da criança e do adolescente sobre o que vem a ser a sexualidade, mediante a aceitação as diferenças sexuais, maneiras e linhas culturais.

1.2 A SEXUALIDADE NA ABORDAGEM FREUDIANA

Discutir sobre a sexualidade é querer atingir uma grandeza da natureza humana, e por isso é complexo a sua compreensão total de todos os seus sentidos para que seja exposto em temática e nos campos do saber. Historicamente, Sigmund Freud foi o precursor a se dispor em abordar a sexualidade infantil. Todo o seu trabalho iniciou no escritório em que atuava, ele identificou mudanças de transtornos psicológicos em adultos, na época seus estudos não estavam direcionados a crianças, mas no interesse de amenizar os problemas emocionais de seus clientes (FREUD, 1996).

Falar da sexualidade sempre foi uma questão complexa, uma demonstração foi feita em seu discurso nos anos de 1915-1916 em uma grande conferência realizado em Viena. Freud reconheceu as dificuldades de compreender o que ele chamada de “energia sexual”, pois tudo o que saía dos conceitos tradicionalistas se tornava um assunto polêmico e de muitas críticas, como conteúdos impróprios e serem discutidos em público. Desta forma, discursando seriamente esclareceu que:

[...] não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de „sexual“. Talvez a única definição acertada fosse „tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos“. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo (FREUD, 1996, p. 309).

Hoje, o tema está incluso em diversas áreas de pesquisas, pois de acordo com os materiais de Freud (1996), a sexualidade é identificada desde o nascimento. Desde o seu primeiro manuscrito publicado, tem surpreendido a sociedade que não aceitava a ideia da existência de sexualidade nos primeiros anos, mas com o tempo, Freud como fundador da psicanálise, tem apresentado o indivíduo como sujeito portador de afeto, desejo e conflito a partir do seu nascimento, o que tem dificultado as pessoas na aceitação de que a criança é sexuada.

Nunes e Silva (2006) sugerem primeiramente a compreensão dos termos sexo e sexualidade em suas respectivas diferenças. O sexo é percebido como a

parte biológica do ser humano, sendo este categorizado no gênero feminino ou masculino, entretanto, eles conceituam que a sexualidade não se limita a identificação estrutural do corpo, mas constitui-se de uma característica estabelecida nos aspectos culturais e histórico do homem.

Logo, a sexualidade se forma a partir da personalidade individual, sem que haja a presença do orgasmo, se torna uma força que impulsiona o indivíduo na busca pelo amor, no interesse pelo contato e intimidade, e se exterioriza no modo em que as pessoas se tocam, influenciando nas ações, no envolvimento sentimental, no pensamento, interação, na saúde física e mental (NUNES; SILVA, 2006).

Em todos os seus materiais, Freud (1996) vem trazendo a concepção de que a sexualidade surgiria nos primeiros momentos do nascimento, teoria esta que seria contrária ao saber clássico da sexualidade, que expõe o processo inicial do fenômeno no período da puberdade, sendo um aspecto que indica a maturação biológica, ou seja, a atração física, o interesse no ato sexual com o outro. Apesar disso, Freud (1977 *apud* AMORIM, 2014, p. 4) pressupõe que:

A opinião popular tem ideias muito precisas a respeito da natureza e das características e do instinto sexual. A concepção geral é que está ausente na infância, que se manifesta por ocasião da puberdade em relação ao processo de chegada da maturidade e se revela nas manifestações de uma atração irresistível exercida por um sexo sobre o outro; quanto ao seu objetivo presume-se que seja a união sexual, ou pelo menos atos que conduzam nessa direção.

Para ele, os transtornos emocionais iniciam na infância, que com o tempo evolui e se exterioriza na fase adulta. Diante disso, Freud (1996) aponta para erros de muitos pesquisadores tradicionais, o mesmo afirma que é necessário que houvesse compreensão sobre os problemas que estão internalizados no indivíduo, tendo como ponto inicial a infância.

Não tendo essa atenção necessária dos pais e educadores, a criança passa por um processo denominado de amnésia infantil – perda da consciência, também conhecida como recalcamiento (FREUD, 1996). Explica que esse tipo de neurose faz com que o sujeito esqueça grande parte de suas lembranças ou as percas totalmente até os 8 anos de idade. Ele associa ao ego do ser humano que, por

algum pretexto de defesa, acaba por distanciar as decepções, frustrações ou dores que estão na mente.

1.2.1 As Fases Psicosssexuais

Em seus estudos, Freud justificava que após o nascimento a criança já passaria a apresentar os “germes de movimentos sexuais”. Nunes e Silva (2006) discorrem que estes germes evoluíam junto a criança, mas que em determinado momento haveriam interrupções devidos as repressões influenciando no próprio desenvolvimento dela. Diante dessas interrupções, Freud designou as “fases psicosssexuais” (oral, anal, fálico, latência e por último o estágio genital) que configuravam os estágios da criança.

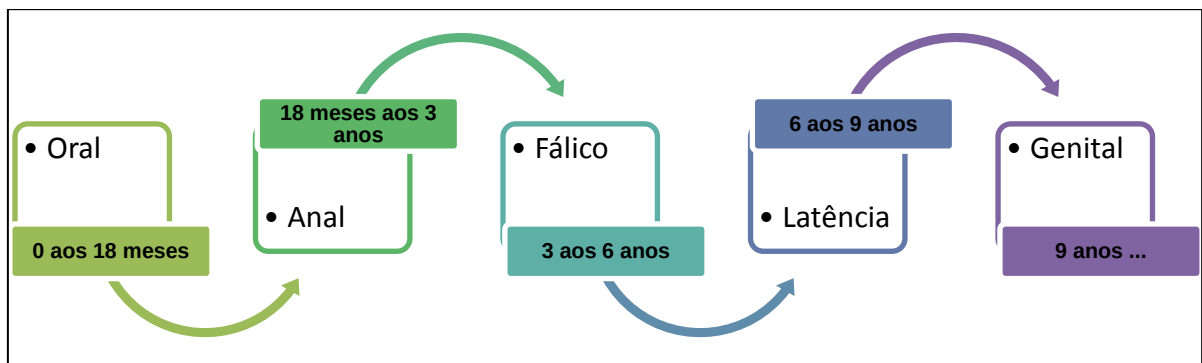


Figura 1 – Fases Psicosssexuais por Sigmund Freud. Fonte: Farias, Nantes e Aguiar (2015).

Na primeira fase “Estágio Oral”, que corresponde ao período de 0 a 18 meses, a criança tem como exercício da alimentação a maior prática prazerosa, feito com a boca. Ao ter contato com o alimento a criança decide comer aquilo que achar saboroso, decidindo expelir o que os seus lábios não apreciam (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2007). Freud especifica que a estrutura bucal da criança se desenvolve com o crescimento dos dentes e surge então uma formação de personalidade futura do homem.

O ato de mastigar permite identificar a futura personalidade e caráter do indivíduo. Para Freud, se a criança mastiga com calma o seu alimento, ela pode se tornar alguém passiva, que na fase adulta aceitará “engolir” tudo o que dizem, entretanto, se ela mastiga grosseiramente o seu alimento, a mesma terá a tendência de ser sarcástica, propenso a discussões.

Logo, poderá ser um homem calmo ou nervoso, conforme o seu processo em cada fase, abordam Hall, Lindzey e Campbell (2007). Além disso, Freud coloca que

nessa fase a criança depende totalmente da mãe, e isso reflete posteriormente, porque o adulto em muitas situações infelizes, sente-se angustiado e inseguro com os problemas e necessita sentir proteção, se achegando a alguém muito próximo e de muita confiança.

Na segunda fase intitulada “Estágio Anal”, que corresponde ao período dos 18 meses aos 3 anos, ocorre um acúmulo maior de alimentos no intestino, para depois ser ejetado pelo ânus (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2007). Quando a criança expulsa as fezes sente uma sensação de conforto. O ânus é constituído por esfíncter, um músculo de fibras circulares concêntricas dispostas em forma de anel, sendo controlada pela criança, a mesma entende que pode segurar ou liberar suas necessidades, e assim, aliviar as tensões anais. E isso influencia mais na frente no modo de pensar da criança com relação as questões de valores.

Freud faz uso de diversas ocorrências, uma delas é, por exemplo, quando uma mãe ensina a criança a fazer suas necessidades de forma rígida, causando a ela transtornos, resulta na atitude da criança em reter as fezes, não só uma vez, mas generaliza como uma ação para cada momento posterior, mesmo sentido desconforto (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2007). Logo, a criança que tem estilo expulsivo, está sujeito a apresentar atitudes cruéis e pensamentos de destruição sem limites.

Diferentemente disso, se a mãe incentiva a criança a defecar, ensina sobre a importância do ato para o corpo e por que acontece, elogiando a atitude da criança por seu desenvolvimento, a mesma passa a entender que o ato não é só uma função do corpo humano, mas que é algo importante e que promove a saúde e o seu bem estar físico, permitindo a ela ter características criativa e benéfica (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2007).

Na terceira fase chamado “Estágio Fálico”, que corresponde ao período de 3 aos 6 anos da criança, é o período em que a criança tem interesse em descobrir mais sobre os seus órgãos. Os mesmos autores descrevem que nessa fase a criança sente as primeiras sensações sexuais, devido o complexo de Édipo que dá início a masturbação ou fantasias idealizadas pela criança. O termo complexo de Édipo segundo Freud, é o desejo do menino pela mãe e da menina pelo pai,

Freud considera o complexo sua maior descoberta de todos os seus estudos, porque se trata da demonstração de sentimentos opostos da criança, o que leva o menino a se afastar do pai e a menina da mãe (HALL; LINDZEY; CAMPBELL,

2007). O menino sente desejos pela mãe e cria-se um conflito de sua relação com o pai, pois o mesmo vê seu pai como um próprio rival e passa a sentir medo de perder a mãe e de ser punido, a ponto de acreditar que o seu pai pode castrá-lo, retirar seu único órgão sexual.

Nessa repressão, o menino reprime os seus desejos, sua resistência com relação ao pai se reduz, fazendo surgir uma afeição e uma identificação de satisfação que substitui os desejos sexuais pela própria mãe e que se transformará apenas no sentimento materno (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2007). Com relação a menina, os autores justificam que o complexo de Édipo ocorre com maior complexidade de acordo com as colocações de Freud.

A menina tem maiores sentimentos pelo pai, porém, chega o momento em que ela descobre que não possui o mesmo órgão que o pai, mas apenas uma cavidade (vagina). Nesta descoberta, a criança cria receio da mãe, por acreditar que a mesma tenha retirado seu órgão, gerando uma relação desestruturada e a criança direciona todo o seu amor apenas para o pai, este que possui o órgão sexual desejado, afirmam Hall, Lindzey e Campbell (2007). Isso não muda a situação da menina, porque ela fica dividida entre o amor pelo pai e o sentimento de inveja por não ter o mesmo órgão, nascendo assim o complexo de Castração.

Diniz (2012) informa que o complexo de Castração não é um ato mutilação dos órgãos sexuais masculinos no parecer de Nasio (1997), mas trata-se de:

[...] uma experiência psíquica, vivida pela criança (por volta dos cinco anos de idade) e determinante em sua futura identidade sexual. O aspecto essencial desta experiência leva à diferenciação anatômica entre os sexos, vivenciada pela criança, ao preço da angústia, levando-a a aceitar que o mundo seja composto de homens e mulheres e à percepção dos limites de seu corpo (NASIO, 1997 apud DINIZ, 2012, p. 2-3).

Nesta situação o menino passa por esse momento de insegurança, com medo de perder o seu órgão, enquanto que a menina acredita ter perdido algo importante. Logo, as diferenças de entendimento psicológico são divergentes no complexo de Édipo, porque a menina não se refreia (DINIZ, 2012).

Mais adiante, têm-se o “Período da Latência” que segundo Nunes e Silva (2000), corresponde ao período de 6 aos 9 anos da criança. Nesta fase não há uma

teoria que afirma a sua ocorrência por completo, mas há variações e em muitos casos apenas de forma parcial.

A criança tem idealização psicológica mais forte, a ponto de vencer dificuldades ou até mesmo obstáculos, porque ela lida com as “inibições sexuais, que fazem com que nessa fase aconteça o desgosto, a moralidade, o pudor e o desejo estético”, afirmam Farias, Nantes e Aguiar (2015, p. 11). Devido a essa forte formação mental sobre os desejos sexuais é que Freud (1996) considera a infância a partir do nascimento até o período da Latência, por conta deste intervalo entre infância e puberdade.

A última fase psicosexual determinada por Freud a partir dos 9 anos é o “Estágio Genital”. Hall; Lindzey e Campbell (2007) alegam que esta tem característica narcisista com relação ao caráter da criança. Elas podem satisfazer-se na estimulação do próprio corpo, ou pode buscar novas maneiras de se satisfazer e aprende a amar outras pessoas.

A partir daí, na adolescência há a manifestações de novas atrações sexuais por outros indivíduos, novas formas de socialização, tendo outros interesses mais sérios, como a organização de um enlace matrimonial para uma futura constituição familiar, pois após a fase da adolescência, o homem deixa de lado os pensamentos infantis e egoístas, e procura manter seus interesses instáveis, para encarar os problemas e crescer junto ao seu cônjuge (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2007).

É importante ressaltar que Freud (1996) completa que as fases anteriores não desaparecem e muito menos são substituídas, mas que continuam juntas formando os impulsos genitais, porque a principal atividade que o homem realiza após formar a sua família, é a reprodução, e com isso o psicológico trabalha para que ele tenha segurança e estabilidade para esta carga. Portanto cada estágio soma para a fase posterior e o desenvolvimento da personalidade humana.

1.3 A FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE DA CRIANÇA

A falta de educação sexual é um ponto que vem sendo debatido há muitos anos. Os pais não se dispõem a dialogar com o filho porque acreditam que pode influenciar de forma negativa e torná-los assexuados. Mesmo a sociedade permitindo maiores comportamentos sexuais dos jovens nos últimos anos, ainda representa um alvo de maior controle para crianças e adolescentes (TIBA, 1994).

De acordo com Santos (2001), a educação sexual não está restrita apenas ao diálogo sobre o ato sexual, mas discutir a sexualidade de forma diligente se estende para as questões socioculturais, a influência na saúde reprodutiva, as relações de gêneros, interpessoais, os benefícios físicos e prazerosos, pois ela advém de âmbitos culturais, históricos, políticos e éticos, e segundo Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2011, p. 255) englobam: “corpo e espírito, razão e emoção”.

Nos documentos oficiais de orientação sobre pluralidade cultural, orientação sexual (BRASIL, 1997), observa-se que o adulto refreia qualquer tipo de manifestação ou gesto perante a criança, e estabelece a elas uma “idade adequada” para tratar da sexualidade. É comum que os pais evitam quaisquer tipos de movimentos exploratórios que a criança faça em seu corpo, ou que a mesma interaja com outros de forma inadequada, com o abjetivo de manter a pureza, a inocência e evitar pensamentos impuros.

Em outras palavras, não há intenção em educar para o desempenho da sexualidade, somente para proibição. Tiba (1994), diz que essas atitudes dentro do contexto histórico, são resultados das orientações da igreja católica, que sempre influenciou fortemente os pais a ocultar este tipo de assunto nas primeiras idades, sendo que deveria ser um tema livre.

Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2011) citam diversos autores como Nunes (1996), Tuckmantel (2009), Gagliotto (2009), que partilham da mesma ideia de trabalhar a sexualidade na perspectiva de suas interpretações significativas, levando em consideração os traços ambientais a qual o homem está inserido. Vasconcelos (1971, p. 42), declara que a educação sexual emancipatória facilita em:

[...] abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre suas interpretações culturais, e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal. Uma aula de educação sexual deixaria de ser apenas um aglomerado de noções estabelecidas de biologia, de psicologia e moral, que não apanha a sexualidade naquilo que lhe pode dar significado e vivência [...].

Nos dias atuais, os pais se esquivam em não querer educar a criança neste quesito, por acharem que são jovens demais para lidar com o assunto, por isso a diálogo aberto é adiado para um período distante, por contestar que a sexualidade é

assunto unicamente para adultos (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2011). Os autores defendem a sexualidade como uma característica praticada por qualquer pessoa e que requer esclarecimentos independente da idade, para que o adolescente de forma digna e com responsabilidades.

Trindade e Bruns (1999) discorrem que os adolescentes tem sofrido com sérias consequências, maiorias das meninas adquirem uma gravidez precoce, e muitos casos de doenças sexualmente transmissíveis, abuso sexual são registrados diariamente, situações essas que eles afirmam que poderiam ser reduzidas se os pais não deixassem para o amanhã as orientações necessárias que poderiam evitar estes riscos no agora, porque muitas acreditam que incentivariam ainda mais a prática sexual.

É neste ponto que a educação sexual se torna importante não só na família, como também na escola, pois vários indivíduos se negam a orientar o adolescente com a preocupação de que eles sejam induzidos a praticar o sexo. Trindade e Bruns (1999) apontam que tal educação não influenciaria para a prática, mas conscientizaria os jovens a ter responsabilidades e adiar por um longo tempo a vida sexual. Estudos feitos por Guimarães, Vieira e Palmeiras (2003) confirmam que a ajuda positiva da família com relação a sexualidade promove a maior percepção do adolescente, fazendo com que o mesmo adie a sua primeira experiência, evitando gravidez indesejável.

Um estudo de caso é exemplificado por Sousa *et al.* (2006, *apud* GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2011), que descrevem a situação de uma jovem de família tradicional, que nunca tiveram a atitude de conversar com a mesma sobre os temas sexo e a sexualidade na fase adolescência, porque para a família da jovem seria uma brecha de motivação da prática.

E com algum tempo depois, a jovem que não recebia nenhum tipo de orientação, vivenciou uma gravidez inesperada, e as autoras afirmam que após a consequência, a mãe passou a dialogar de forma superficial sobre a vida sexual e as prevenções da gravidez tardiamente (SOUSA *et al* 2006, *apud* GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2011).

Diante disso, é importante que a família participe e oriente o adolescente, e não se limite a falar deste assunto que é tão necessário para o esclarecimento das dúvidas, ou seja, os pais devem manter uma comunicação, fornecer reflexões sobre a sexualidade, para que eles compreendam o que é certo e errado, o que

trás resultados positivos ou negativos, diante do conhecimento das medidas de prevenção e o autocuidado que garante um padrão de vida melhor (GUIMARÃES; VIEIRA; PALMEIRAS, 2003).

Há um aspecto interessante a ser ressaltado e que é exposto por Almeida e Centa (2009), o incomodo que os pais sentem na tentativa de falar da sexualidade com o filho, fazendo-os preferir manter-se no silencio a cerca do tema. As autoras explicam que a dificuldade é devido os valores adquiridos de gerações anteriores, o que hoje é visto como atos de deseducam a criança sobre a sexualidade. Nos seus estudos ela informa que os pais assumem não sentir ter tal liberdade de expressão por causa das marcas negativas do passado.

Diante disso, entende-se que falar da sexualidade é tratar de um assunto delicado, que requer um preparo para lidar com as resistências e preconceitos, por isso que acabaram gerando conflitos na família, resultando na desunião do filho com os pais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) orientam primeiramente que os pais quebrem tabus que os impedem de ver a sexualidade como um assunto importante na educação dos filhos, aprender a separar o assunto sexualidade das crenças antigas.

Além disso, o PCN propõe aos pais leitura, reflexões e discussões sobre o tema em casa, para que aos poucos consigam de fato informar, direcionar o jovem para as escolhas mais sensatas, positiva, livres de preconceitos, julgamentos, e atitudes anti-sexualidade. Desta forma, não estarão apenas garantindo melhores resultados, como também, sentirão efeitos por estarem se desvinculando de crenças repressivas e de influencias negativas do passado.

A sexualidade é uma questão social como mostra as informações descritas no PCN, e a escola é indicada como um ambiente adequado para se trabalhar essa temática de forma transversal, viabilizada, mas que seja dinâmica e global, ou seja, sem querer atingir as concepções distintas do próximo seja nos aspectos da crença, cultura, costumes, valores e princípios (BRASIL, 1997).

1.4 A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE E DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA SEXUALIDADE

A Educação sexual é um mecanismo que promove a integração do ser humano no contexto do que representa a sexualidade nos anos primórdios até os

dias atuais, e também se tornou um requisito importante na educação em geral. Não é um processo que possui uma fórmula definitiva, mas é progressivo, envolvendo ações intencionais ou não no que diz respeito a família, a escola, os meios de comunicação, ensino religioso, espaços sociais, instituições legais e médicas, dentre outros meios.

A professora Maia (2010) chama atenção para a influência dos meios de comunicação. A mesma afirma que não se pode menosprezar os efeitos pedagógicos da mídia, esta que reproduz diversos significados sobre as alterações, a orientação sexual, masculinidade, feminilidade, o sexo, a classe, a raça, a família, o prazer, o consumo e muitos outros aspectos da subjetividade social e humana.

As informações provenientes dos recursos midiáticos-termo que refere aos meios de comunicação, tem sido fortes instrumentos no compartilhamento simbólico e de materiais, sendo reconhecido como potentes mecanismos pedagógicos e culturais para a sociedade. Silva (2013) expõe que apesar da sexualidade ser ainda um assunto de difícil socialização para famílias e escolas, a mídia tem se encarregado de facilitar a inclusão do tema em todos os ambientes.

Pastana e Maia (2013) reconhecem que a relação de aprendizagem sobre a sexualidade através da mídia, têm apresentado a formação dos gêneros e das distintas concepções de sexualidades nas variadas práticas insinuadas pela mídia, em suas complexas situações do cotidiano e em suas respectivas formas de dar prazer ao usuário.

Louro (2008) afirma que essas apresentações acontecem minuciosamente, sempre de forma inacabada, e a família, a escola, a igreja, e as entidades legais estão paralelamente contribuindo para este processo, e, além disso:

[...] Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos. Mas como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os shopping centers ou a música popular? (...) Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras [...] (LOURO, 2008, p. 18).

Diante dessa colocação da autora, percebe-se que os meios tecnológicos tem influenciado bastante na educação dos adolescentes, e na maioria das

programações, as informações e imagens contribuem de forma equivocada na construção das identidades dos jovens e adolescentes.

Tal efeito, poderia facilitar na formação conceitual do homem, entretanto, Silva (2013) declara que a evolução tecnológica e comunicativa tem feito o oposto, gerado mais problemas para o usuário diferenciar o conhecimento de mundo, do conhecimento escolar e do conhecimento cultural da massa. Tendo como os principais responsáveis os produtores por trás da tecnologia, os quais influenciam na criação do imaginário social, que muitas vezes querem descrever a realidade do homem na ilusão de que podem conseguir fazer essa descrição sem interferir nela mesma.

No ano de 2008, enquanto candidata ao cargo de gestão da prefeitura de São Paulo, a Ministra do Turismo na época Marta Suplicy, criticou a influencia negativa da televisão, em querer mostrar em quase todas as programações pessoas transando sem ao menos mencionar no uso do preservativo, muito menos na prevenção da mulher com o anticoncepcional, sem gravidez precoce, o que induz o adolescente a prática do sexo, acreditando que não trará sérias consequências.

A Ministra ainda completou a necessidade de se ter modelos “claros de ações”, diferente da TV, que só apresenta modelos para o sexo, e que a sociedade precisa é de modelos claro que motivem o ser humano a: não querer transar sem camisinha e que não se pratique o sexo sem gostar de fato do (a) parceiro (a). Consequentemente, os jovens não têm exemplos e muito menos motivos que os levem a ter outras atitudes e comportamentos diferente do que a mídia mostra.

Em concordância a colocação da Ministra, Gikovate (2002) também reconhece que a TV tem estimulado o usuário a incitar o instinto sexual na exibição do corpo, a ponto de chamar a atenção e despertar o desejo das pessoas. A vaidade, como ele define, tem iniciado na infância através dos programas infantis, levando as mesmas a aumentar a sua aparência física.

Logo, os alunos imitam as ações dos personagens das mídias, a ponto de quererem ser reconhecidos pelas pessoas de seu convívio diário, sem respeitar o seu próprio corpo e sua individualidade e princípios ensinados pelos pais, e deixam de lado os valores éticos e se entregam aos relacionamentos amorosos enquanto crianças, deixam de viver adequadamente em casa etapa importantes para o seu desenvolvimento pessoal para no final acabar obtendo prejuízos que permanecem por toda a vida (GIKOVATE, 2002).

Lopes e Maia (1993, p.31) afirmam que “[...] a sexualidade e o corpo, principalmente o feminino, tem sido usado exaustivamente para divulgar e vender desde sabão em pó até toalhas de banho, tornando-se produto consumível”. Com demonstração exagerada do corpo, causando um entendimento errado do que seja a sexualidade, porque o usuário não consegue diferenciar o sexo do afeto ou do amor, e muito menos demonstra respeito por si mesmo.

Portanto, é perceptível que não só os pais, mas também os educadores têm dificuldades de encontrar estratégias que visam o repasse da orientação e informação na tentativa de conscientizar o adolescente a prorrogar a sua vida sexual, e que há o momento mais adequado para pôr em prática com respeito, responsabilidade e segurança.

2 SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

2.1 EDUCAÇÃO SEXUAL SEGUNDO OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs)

A escola é um ambiente organizado e destinado a formação integral do indivíduo, além de trabalhar conteúdos científicos para a formação da linguagem, comportamento, interação social e profissional, a mesma tem procurado estratégias para lidar com temas referentes a sexualidade de uma forma eficaz e positiva, com ênfase ao respeito do aluno pelo o seu corpo, assim como os dos outros.

A educação sexual tem como interesse primordial o fornecimento de informações para que o sujeito possa ter interesse em planejar uma vida sexual de forma saudável, com o conhecimento claro sobre as diferenças que há entre o sexo e a sexualidade (FIGUEIRÓ, 2006). Como foi salientado no capítulo anterior, a sexualidade ela está além do ato sexual, denominado sexo, pois está relacionado a determinações culturais no qual o homem está inserido, e por isso, na escola a temática é ministrada por métodos reflexivos individuais e coletivos.

A sexualidade é um assunto que pode ser entendido desde os anos iniciais, e que são representadas de várias maneiras, através de gestos, ações, que segundo Rocha, Oliveira e Nascimento (2012) podem iniciar pelas atitudes de carinhos que os pais demonstram entre si e para com os filhos, com intensidade, e que se eleva ainda mais quando se há intimidade, levando as pessoas a amadurecer para mais na frente viver um intenso encontro amoroso.

Apesar dos PCN prever a necessidade de a escola orientar o aluno sobre a sexualidade, ainda se torna ausente. Quando a escola trabalha o assunto, prioriza a questão da prevenção contra doenças, a gravidez precoce, deixando a desejar o assunto no contexto social (BRASIL, 2000). É necessário abrir um espaço de debate com os adolescentes e jovens, para que sejam esclarecidas as dúvidas, como orienta a Organização Mundial de Saúde (OMS).

É preciso ressaltar que professor não sente ter um preparo para trabalhar o assunto na sala de aula, pois na sua formação enquanto acadêmico, não recebeu orientações de como lidar com assuntos transversais. Muitas pesquisas atuais colocam que só informar o aluno não é suficiente para garantir que no futuro ele

tenha uma vida sexual plena, mas que é necessário ações de conscientização, afirma Gonçalves *et al* (2000).

É importante a escola apresentar ao aluno informações baseadas em conceitos científicos, para uma maior percepção que ele pode ter sobre o seu corpo, ter orientações que elevem sua autoestima, para que ele estabeleça condições que lhe der segurança no ato sexual, evitando consequências negativas (BRASIL, 2000). A escola e a família são as bases para trabalhar a educação sexual de uma maneira mais sistemática, com auxílio de pessoas com quem os alunos possuem mais afinidade, promovendo uma orientação afim de reduzir condutas inadequadas.

É considerável ressaltar que a Educação Sexual não é trabalhada como uma disciplina recém-adquirida, mas de forma interdisciplinar. O professor inclui a temática sexualidade as suas disciplinas comuns, organizando espaços para debates, socialização sobre esta realidade. De acordo com os PCNs, interdisciplinaridade modifica o ensino tradicional, apresenta uma atenção maior em associar conteúdo com as situações reais do cotidiano, envolvendo diversas áreas do conhecimento (BRASIL, 1997).

O MEC encontra-se conectada ao Plano Nacional de Educação (PNE), logo trabalha de acordo com os requisitos norteados. Por isso, os PNC foram criados para difundir o currículo e orientar educadores na pesquisa de novas metodologias e abordagens teóricas que constitua um novo perfil curricular para escola e que motivem os professores a contextualizar os conteúdos didáticos com a realidade, bem como os assuntos transversais.

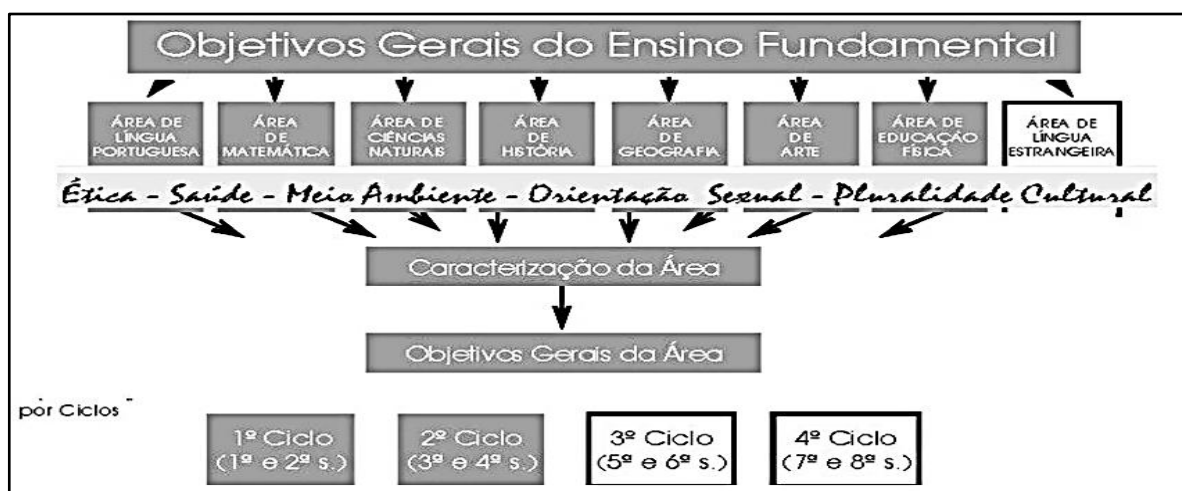


Figura 2 – Estrutura dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Fonte: Santos (2016).

Na figura (1) da página anterior, observa-se a estrutura dos parâmetros e como a orientação sexual sempre esteve prevista neste modelo de proposta oriundo do MEC, a qual torna conteúdos sobre sexualidade um tema transversal, importante a ser discutido na escola, com a finalidade de se construir novos conhecimentos.

Os assuntos transversais que são conceituados como questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana, relacionam outros campos de conhecimento com relação ao sujeito, por isso a interdisciplinaridade na prática pedagógica é uma abertura para construir conhecimento através na inserção de tópicos extraescolares, como descreve os PCNs.

A educação sexual deve ser contextualizada de modo que o professor busque estimular no aluno uma nova compreensão da realidade articulando elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade, porque os PCNs caracterizam a temática como um assunto transversal, e em muitos livros didáticos a sexualidade está limitada apenas a conceitos que estão associados a representações gráficas dos aparelhos de reprodução e seus funcionamentos.

Logo, os documentos (BRASIL, 1997) cuja descrição é completamente diferente das informações dos livros didáticos, determina que o corpo deve ser um ponto de reflexão através de discussões, debates, que estejam acima de conceitos fisiológicos ou anatômicos, porque o corpo humano, além dos elementos e sistema que compõem sua estrutura física, seu desempenho envolve sentimentos, emoções, sensações prazerosos ou não, sendo vital a considerações de fatores culturais que somam na percepção do que vem a ser a sexualidade.

Outras propostas dos PCNs para a orientação sexual na escola é a abordagem das relações de gênero, com destaques dos registros histórico-culturais das relações do ser humano, para que possibilite uma conscientização do respeito, em combate ao preconceito ou discriminação social, isto é,

[...] tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. (BRASIL, 1997, p. 99).

Trazer assuntos sobre a sexualidade mediante aos pontos referenciais dos conteúdos das disciplinas comuns é caracterizado como um avanço no sistema de ensino, todavia, muitos profissionais têm compreensão errônea das diretrizes dos PCNs. Alguns educadores entendem que a orientação sexual é apenas um tema informativo vinculado às funções hormonais, sendo que a sexualidade é interpretada como algo da natureza humana, que diz respeito a necessidades básicas.

Para muitos se tornam comum falar deste assunto quando se tem em exposição questões voltado para o experimento sexual, curiosidades sobre os prazeres do corpo, o desejo físico quando é apreciado a dois, erotismo identificado no período de transição da puberdade na região genital, diferente do período da infância, onde é reconhecido um caráter exploratório pré-genital e que o ato sexual se refere a ação do contato entre pessoas (BRASIL, 1997).

Pode-se verificar que nos PCNs, a educação sexual é caracterizada como um assunto informativo e que a sexualidade é um aspecto referente às necessidades básicas do homem, deixando a desejar que há outras questões importantes que precisam ser tratadas. Diante disso, a temática trouxe novas perspectivas de estratégias para que o professor oriente seus alunos, pois a sexualidade é apresentada como um elemento a ser disposto de forma transversal em qualquer disciplina.

Hoje se têm vários projetos e programas que abordam a educação sexual com o objetivo de prevenir o corpo de doenças ou de sérias consequências como DST, AIDS, contracepção e gravidez, por meio de debates e socialização (BRASIL, 2006). Por exemplo, o Programa de Saúde e Prevenção nas Escolas (PSE) foi criado pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2006.

O MEC é responsável por organizar eventos como oficinas, palestras com a presença de profissionais da educação e da saúde, relatam Russo e Arreguy (2015). O PSE leva na bagagem os diferentes tipos de relações de gênero, violência, sexualidade de pessoas portadores de alguma deficiência, o abuso sexual e a temática dentro da escola, contando sempre com o apoio da família.

Em 2004 foi disposto ao público um material intitulado “Coleção Educação para Todos” foi lançado em 2004 pelo MEC com o apoio da Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura-UNESCO (RAAAB, 2005). No material da coleção, tinha se exemplares com títulos sobre a diversidade sexual, que

descreviam casos de bullying de pessoas homossexuais, que sofriam discriminações e preconceitos pelos seus professores homoeróticos.

Na coleção a escola é retratada como um ambiente de motivação, onde o professor usa o seu espaço para trabalhar assuntos transversais no que diz respeito às diferenças sociais, relacionamentos homoafetivos (com realce aos direitos sexuais) frisando a liberdade do indivíduo de possuir/escolher seu relacionamento, promovendo paralelamente o combate à violência e exploração sexual (RAAAB, 2005).

Há pouco tempo, algumas determinações têm gerado grandes problemas no convívio social, o MEC em oposição a homofobia nas escolas, tem elaborado materiais como Kits denominado Brasil sem Homofobia, que a princípio tinha como objeto contribui na formação do educador (LÁZARO, 2004). Entretanto, o material foi criticado por entidades religiosas e outras organizações, porque não estaria sendo proposto o combate a homofobia, mas na apologia de diferentes opções sexuais no uso de imagens e textos avaliados como conteúdos capazes de influenciarem no comportamento dos adolescentes, já que era proposto para leitores de 07 a 14 anos.

No governo da Presidenta Dilma Rousseff, a distribuição do material (Kit – material do projeto denominado “Escola sem Homofobia”) foi desautorizado por ela, pelo motivo de ter censurado as cartilhas como conteúdo informativo forte e impróprio, material que previamente havia sido reconhecido Conselho Federal de Psicologia, UNESCO e Joint United Nations Program on HIV/AIDS-UNAIDS (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV / AIDS – traduzido) (LÁZARO, 2004).

Verifica-se que os PCNs direcionado a pluralidade cultural e orientação sexual (BRASIL, 1997) orientam que a Educação Sexual deve ser trabalhada como tema transversal de acordo com a faixa etária dos alunos, para que eles sejam ensinados a respeitar as diferenças, para que futuramente não apresentem diante da sociedade comportamentos fúteis, de agressão às pessoas que expõem suas escolhas sexuais.

De acordo com as diretrizes curriculares (BRASIL, 1997) e na visão de pesquisadores, os PCNs são documentos que representam um grande passo histórico para constatar a necessidade de orientar o aluno sobre a sexualidade de forma interdisciplinar, sem deixar de lado os aspectos contribuintes como a cultura, o caráter social e histórico que influenciam na formação do indivíduo, com a finalidade

de conduzir os alunos a uma reflexão mais ponderada, com clareza e sem a emissão de juízo de valor, sobre os aspectos e as formas de expressão sexual das pessoas.

2.2 O PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL DOS ALUNOS

Documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais direcionado as questões que envolvem orientação sexual, retratam que os alunos ao concluir o Ensino Fundamental precisam estar cientes e habilitados a aceitar a diversidade de valores, crenças e comportamento correspondente a sexualidade, sem ridicularizar ou afetar a dignidade humana, reconhecer que as características que definem aspectos masculinos e femininos como uma determinação cultural, buscar proteção em relacionamentos opressivos e adotar a prática do sexo com segurança e medidas necessárias e preventivas e desenvolver saberes críticos para devidas decisões futuras sobre sua sexualidade.

Para que esses objetivos sejam atingidos, Rocha, Oliveira e Nascimento (2012) defendem que a escola precisa ter uma abordagem crítica e expor da orientação sexual como uma proposta de ensino, porém, observa-se que o que tem sido adotado são a explanação de conteúdos que estão relacionados aos aspectos biológicos e fisiológicos da sexualidade humana, restringindo o assunto.

Contudo, Guimarães (1995) desenvolveu uma pesquisa e informa que os assuntos trabalhados nas escolas são temas de conhecimento da área da ciência biológica, que instrui, por exemplo, sobre a gravidez precoce, fisiologia dos órgãos, mudanças físicas e comportamentais, doenças sexualmente transmissíveis e outros, como sendo suficientes para a compreensão da sexualidade, o que é insuficiente de acordo com as colocações da autora.

Logo, o que se tem verificado é que as orientações da sexualidade se encontram em uma divisão lógica do que é proposto no PCN, ou seja, a prática educacional encontra-se em um contexto contrário ao que é esperado (GUIMARÃES, 1995). O PCN orienta que a instituição de ensino deve trabalhar diversas abordagens de ideias distintas para que sejam quebrados tabus e ideologias discriminativas, e ressaltar o respeito aos pensamentos diferenciados, dos valores crenças numa perspectiva de relação com a família, com o intuito de

contribuir para a formação de conceitos individuais sobre a sexualidade e paralelo a isso, a escola mantendo-se imparcial no quesito social.

A autora justifica que a escola pode assumir uma função mais crítica em seu papel educativo, com o propósito de sanar as dúvidas e necessidades dos interessados, com facilidade e objetividade, ou seja, ela explica que o currículo escolar seria resultante da realidade cultural, ultrapassando os pontos discursivos e científicos das ciências sociais, com auxílio um levantamento mais específico e genuíno do assunto.

Nos parâmetros curriculares há afirmações de que a mídia tem expostos assuntos que tem chamado a atenção dos adolescentes e despertado neles o interesse em descobrir mais sobre a sexualidade, bem como as suas peculiaridades, que em muitas situações são apresentadas de forma inadequada, incumbindo a família e a escola de fazer ações que possam reconstruir os conceitos e tornar as informações mais fáceis de serem absorvidas. Aquino e Martelli (2012: p.9) afirmam que a escola deve pôr em questionamento a sexualidade, porque para elas o assunto:

[...] está presente em todos os momentos da vida desde a tenra idade; crer que a um período ou uma época própria para desenvolver trabalhos relacionados à sexualidade, demonstram uma concepção alicerçada em preconceitos, tabus e equívocos teóricos (AQUINO; MARTELLI, 2012, p. 9).

Diante disso, entende-se que a escola precisa desvincular-se de metodologias tradicionais que está interligada a representação da melhoria, qualidade de saúde, prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis e aos conceitos propostos na literatura da biologia, mas que a temática seja trabalhada para a compreensão da sexualidade humana e que os estudantes tenha mais conhecimento da educação sexual no cotidiano, baseado nas experiências e no respeito ao próximo de forma mais livre, prazerosa e efetiva.

É interessante observar nos relatos das autoras que a sexualidade tem sido qualificada como um tema polêmico e delicado para ser exposto ao público, e por conta disso, os pais se limitam a quererem tratar do assunto com os filhos porque acreditam ser responsabilidade apenas da escola e vice e versa. A escola tem que

se responsabilizar para as devidas orientações e ensino, e por enquanto, ainda está longe de cumprir o seu papel como é estabelecido no PCN (BRASIL, 2000).

A escola precisa ter um posicionamento para trabalhar a temática sem ficar presa a métodos tradicionais, afirma Costa (2012). Quando a instituição põe em prática uma educação baseada em metodologias tradicionais em um período pós-moderno torna o ensino obsoleto, fora do contexto atual em que as pessoas se encontram, critica a autora admitindo que a escola é um espaço de aprendizagem que deve transparecer:

[...] o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem (COSTA, 2012, p.7).

Diante das colocações o que se espera das instituições de ensino é que abordem a sexualidade diante das condições e necessidades da sociedade que busca conhecimento, que precisam de esclarecimentos mediante as etapas de desenvolvimento do corpo humano, de forma branda e sem restrições, com ressalvas de que o sexo é uma prática que faz parte deste processo de desenvolvimento do corpo.

A educação sexual no ambiente escolar faz alusão a conteúdo da biologia como: funcionamento dos órgãos reprodutores, medidas preventivas para o sexo contra doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, conceitos sobre gênero e outros, porque os professores trabalham de forma a complementar o assunto acreditando que a família faz o seu papel de orientar o adolescente, e além do mais, a autora Bomfim (2009) censura que a educação sexual não se resume nas teorias biológicas, mas engloba valores, sentimentos e emoções do indivíduo.

É importante destacar que não se deve apenas apontar a responsabilidade da escola quanto a abordagem da sexualidade, mas promover uma formação complementar para os professores, porque exige do educador uma maior capacitação, pois os cursos de licenciatura não contemplam em sua grade curricular um estudo dedicado a este assunto, e havendo uma articulação da gestão escolar em elaborar atividades que diminua as dúvidas dos alunos e a curiosidades dos

mesmos é uma ação que a princípio reflete na autonomia dos docentes, bem como o desempenho positivo e efetivo no contexto escolar (BOMFIM, 2009).

Em conformidade com o posicionamento teórico e crítico da autora, pode-se ressaltar que nos PCN há diversas orientações que favorecem o papel do professor para a orientação sexual na escola, para o alcance dos objetivos de cada planejamento e dos resultados esperados que são a prevenção da sexualidade por meio da conscientização. O que se propõe é que a equipe escolar faça o levantamento da sexualidade para discutir, planejar, demonstrar domínio de conteúdo e segurança durante as aulas, porque no documento (BRASIL, 2000, p. 153) está descrito que para se trabalhar a educação sexual:

[...] deve-se levar sempre em conta a faixa etária com a qual se está trabalhando, pois, em geral as questões de sexualidade são muito diversas a cada etapa do desenvolvimento. Na Puberdade, por exemplo, um ano pode significar uma imensa transformação pessoal em todos os sentidos. É muito importante que o professor aborde as questões dentro do interesse e das possibilidades de compreensão próprias da idade de seus alunos, respeitando os medos e as angústias típicos daquele momento.

Sabe-se que a responsabilidade do educador em desenvolver atividades pedagógicas que abordem a sexualidade, corrobora com as propostas transversais para a educação sexual como está presente nos PCN, e o mesmo consegue seguir adiante com o assunto com mais facilidade e de forma clara e objetiva, distanciando-se dos erros e possíveis distorções da temática, para que futuramente os alunos não tenha dúvidas, pois o que se espera é que a sexualidade seja questionada e discutida de acordo com a realidade curricular de cada escola, somado as programações a serem realizadas quando forem necessárias (BRASIL, 2000).

Várias pesquisas que retratam a educação sexual nas escolas, mostram a falta de prepara do corpo docente. Por exemplo, a professora Altmann (2001) em sua pesquisa constatou que a sexualidade é trabalhada na escola, porém, além do despreparo dos professores, a família se limita a orientar os filhos e espera que a escola se responsabilize por completo e os docentes encontram-se despreparado em trabalhar a sexualidade com riqueza e elevada importância, ou seja, dispor de propostas que estejam fundamentadas nas vivências dos alunos e comunidade.

Espera-se que a escola aborde as orientações sexuais relacionada a vida, ao prazer, ao bem-estar e a saúde, em diferentes aspectos e dimensões do sujeito.

Logo, a gestão deve-se atentar para a preparação dos educadores, para que eles trabalhem de acordo com os regulamentos do PCN, colocando a sexualidade em um ponto mais relevante, com olhar direcionado para as concepções socioculturais, expandindo conhecimento e diminuindo as falhas ou dúvidas.

2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL E O PAPEL DOS PROFESSORES

Os PCN com especificação de temas transversais, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, elaborado pelo MEC, tem por objetivo nortear educadores sobre propostas eficientes para instruir os adolescentes quanto as reações do corpo humano e os respectivos sentimentos, para que mais a frente eles possam ter uma vida sexual aceitável e saudável. Porém, falar da sexualidade ainda é um tabu para os docentes que ainda estão centralizados nos tópicos da ciência biológica e reprodutiva.

Poucas escolas fazem uso do diálogo informal para repassar orientações sobre sexualidade, outras fazem apenas a associação com a formação e funcionamento do corpo humano. Mesmo assim, os professores são indicados como pessoas capazes para contribuir com esses assuntos, porque sabem como organizar um debate, preparar os alunos para que eles não tenham receio em dispor de suas opiniões e ansiedades, explica Figueiró (2009).

Isso deixa claro que uma educação para a sexualidade a ser trabalhada em uma instituição de ensino, tem a incumbência de promover debates e o compartilhamento de concepções distintas, fazer o comparativo de situações externas e divulgadas pela mídia, em uma posição de ensino diferente da que é feita pela família, pelo fato de possibilitar a liberdade de expressão crítica, sem que haja a imposição de valores, preconceitos e conceitos tradicionais (BRASIL, 1997).

Tornar os alunos pensantes críticos e conhecedores de sua própria sexualidade são características que uma escola precisam desenvolver. Trata-se de aperfeiçoar atitudes coerentes, propagar conhecimento sobre Educação sexual, promover valores que partem do conhecimento do alunado, resultando na formação de seres críticos e reflexivos, como é descrito no PCN (BRASIL, 2000).

Deve-se ressaltar que a sexualidade não é um assunto simples de se contextualizar, continua a ser um tema vulnerável e polêmico. É uma temática que na atualidade ainda está em processo de adaptação, desde a necessidade do

preparo profissional até os questionamentos previsíveis na sala de aula. Os documentos oficiais frisam que uma educação sexual adequada se manifesta a partir da organização e execução de projetos coerentes e adequados, na qual o professor deve estar atento às:

[...] formas de expressão dos alunos. Muitas vezes a repetição de brincadeiras, paródias de músicas ou apelidos alusivos à sexualidade podem significar uma necessidade não verbalizada de discussão e de compreensão de algum tema. Deve-se então satisfazer a essa necessidade (PCN, 1997, p.303).

Vale expor uma observação de que a repetição de atividades pode ampliar o raciocínio sobre o que está em discussão, ou seja, conceitos que antes não foram interpretados com clareza, passam a ser internalizados com mais abrangência e objetividade para a pessoa. Outro detalhe que Figueiró (2009) observa é sobre a educação sexual nas séries iniciais, ela afirma que os educadores trabalham a sexualidade no sentido de autoconhecimento corporal, de caráter obrigatório, e impondo a condição de que o ato sexual se trabalha nas faixas etárias de adolescentes a adultos. Nos PCNs têm-se a recomendação de que o professor ao executar as brincadeiras em duplas ou em coletividade, torna-se indispensável a aprovação dos alunos participantes, afim de evitar:

[...] constrangimento por parte dos envolvidos. Para a prevenção do abuso sexual, é igualmente importante o esclarecimento de que essas brincadeiras em grupo ou a dois são prejudiciais quando envolvem crianças ou jovens de idades muito diferentes, ou quando são realizadas entre adultos e crianças. Além disso, os alunos devem saber que podem procurar ajuda de um adulto de sua confiança, no caso de serem envolvidos em situação de abuso (BRASIL, 1997, p. 303).

No processo educacional o professor permite a busca de conhecimento do aluno e entrega os seus conhecimentos, permitindo simbolizar, guardar, mostrar e ressignificar seus conhecimentos. Juntos eles constroem a aprendizagem. E para que esta aprendizagem ocorra o professor deve ter algumas características, tais como: ser bem informado, respeitar o aluno, transmitir confiança, ser aberto ao diálogo, entre outros.

A escola hoje precisa fazer uso de métodos que visa a abordagem da sexualidade de forma diferenciada, que possam motivar os alunos a refletir, que englobe as distintas culturas sociais e que seja trabalhado com dinamismo, porque é através destes tipos de metodologias que o aluno buscará conhecimento e ao mesmo tempo, o professor desenvolve novos conceitos através das práticas pedagógicas (EGYPTO, 2012).

Nos parâmetros curriculares há afirmações de que as atitudes do professor nas aulas demonstram uma difusão de valores com relação a sexualidade nas respostas que dizem respeito as perguntas mais simples questionadas pelos discentes. Comumente, se o professor afirma que a “relação sexual [...] acontece entre um homem e uma mulher após o casamento para ter filhos” (PCN, 1998, p. 302), o mesmo está pondo em evidência que a finalidade do casamento é a de gerar vidas. Sobre essa padronização dos papéis do homem e da mulher, Barroso e Bruschini (1998) colocam que:

“Masculino” e “feminino” são categorias historicamente definidas e não há provas suficientes de desigualdades entre uma e outra que justifiquem a superioridade masculina. [...]. É preciso que os educadores revejam seus conceitos e sua atuação junto às crianças e aos adolescentes no sentido de evitarem passar adiante os mesmos modelos aprendidos de seus pais. (BARROSO; BRUSCHINI, 1998, p. 51-52)

Diante desta afirmação, é possível notar que os autores defendem a necessidade discutir a origem das diferenças, com o interesse de mostrar as variações nas diferentes sociedades, debater a consequência dessas diferenças impostas quanto ao papel do homem e da mulher, como vivem sua sexualidade o que ambos pensam sobre a divisão de papéis e quais possibilidades seriam viáveis para que houvesse uma determinada mudança.

Ou seja, o educador deve desempenhar o seu trabalho não só como profissionais que se preocupam com a aprendizagem dos materiais didáticos, mas que sejam sujeitos observadores e críticos quanto aos problemas sociais, ou sejam assumem uma postura simultânea de educadores e cidadãos, que influenciam diretamente na formação da sociedade, que se conscientizam dos seus deveres e direitos, em prol da valorização de sua profissão (BRASIL, 2000).

Sabe-se que o professor não deve levar a sala de aula conteúdos sobre a sexualidade sem que haja primeiramente algum tipo de objetivo educacional, pois independente de qual seja sua área representativa, ele é orientado a exercer qualquer abordagem de assunto que visa favorecer o aprendiz. Suplicy (1999) expõe no seu material intitulado “Conversando sobre Sexo” que a educação sexual precisa quebrar tabus tradicionais, os professores precisam ter um preparo mais adequado e eficiente, para então ser um facilitador do conhecimento, de auxiliar os alunos a se familiarizar com o assunto e diminuir as ansiedades e dúvidas corriqueiras.

Isso porque alguns materiais abordam que a sexualidade está muito além do conhecimento do ato sexual, mas envolve sentimentos que na visão de Leôncio precisam ser identificados e respeitados. Por isso que há questionamentos que colocam em evidência a necessidade de se ter um planejamento e preparo para se trabalhar a orientação sexual, de maneira que haja um equilíbrio no processo de ensino aprendizagem, fazendo com que seja esclarecido aos alunos sobre a sexualidade de forma sadia e que qualquer problema pode futuramente ser resolvido por eles mesmo, por adquirir autonomia e capacidade.

Seguindo esta concepção, a escola ao trabalhar a temática sexualidade poderá fazer uso de estratégias que de fato contribuem positivamente ao relacionar as teorias com a prática, resultando no interesse em potencializar um ensino em coletividade, professor – aluno, tendo este assunto como um requisito que também soma na formação social do aluno (LEÔNCIO, 2013).

A mesma autora defende o perfil de educadores críticos que nos dias atuais buscam meios de ampliar as suas ideias, buscam conhecer novos aspectos que facilite a educação e que dê mais liberdade aos indivíduos. Liberdade esta que os levam a prática da reflexão sobre a sua sexualidade, para que depois sejam independentes com relação as suas escolhas.

A insegurança é o que ainda tem assombrado os adolescentes afirma Santos (2016), pois:

A impressão é que os adolescentes, ainda não bem seguros na vivência de sua própria sexualidade, costumam confundir ou não ter bem diferenciado o que é desejo sexual, prazer, fertilidade e prevenção. As sensações até então desconhecidas e o pouco espaço propiciado aos jovens para discutir abertamente as questões ligadas à sexualidade, facilitam para que encontrem no plano imaginário a saída para as dificuldades com que se defrontam (FERREIRA, 2000 *apud* SANTOS, 2016, p. 34).

Essa insegurança de acordo com os PCN, se dá porque os professores ocultam ou até mesmo ignoram as perguntas que surgem das dúvidas, impondo a responsabilidade para os pais em explicar o assunto. É notório que a família é os primeiros responsáveis em empenhar-se pela educação dos filhos e fazer uso de informações selecionadas e adequadas para cada faixa etária (SANTOS, 2016).

Entretanto, verifica-se que isso não acontece no ambiente familiar e muito menos escolar, e acaba levando-os a ter noção da sexualidade de forma incorreta ou distorcida. Logo, para este assunto ser falado na escola deve ser com cautela e imparcial, sem desfavorecer qualquer opinião, crítica ou dúvidas. É necessário considerar a totalidade das relações, com o propósito de compreender a realidade social entendendo seus significados, os atos, as expressões das pessoas. O professor deve estar sempre atento aos acontecimentos cotidianos, buscando sempre se atualizar para acompanhar a evolução da sociedade. Desta forma poderá desenvolver projetos políticos e intervir na realidade social de forma efetiva.

2.4 DESAFIOS DO PROCESSO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Torna-se claro a dificuldade de se trabalhar na escola assuntos como a sexualidade, porém, vale ressaltar que discutir temas transversais é uma oportunidade para o aluno expressar, deixa de ser um ouvinte para se tornar um falante ativo e questionador, que com o tempo demonstrará ter não só liberdade, mas principalmente responsabilidade em seus atos.

Diante disso, deve-se conjecturar que a educação sexual no ambiente escolar se entende a outras dimensões, daquelas que estão nos livros didáticos de Ciências ou Biologia, limitados apenas as questões do processo reprodutivo ou preventivo. Na visão da Maistro (2009, p. 60 *apud* GRISANTE; MAISTRO, 2014):

A ênfase do projeto de educação sexual deve ser a discussão em torno da temática da sexualidade sob múltiplos olhares, enfocando a prevenção e a saúde, as relações de gênero, o corpo como matriz da sexualidade, com funções biológicas, afetivas e sociais e não procurando apenas tratar da gravidez na adolescência e das doenças sexualmente transmissíveis (GRISANTE; MAISTRO, 2014, p. 4).

Isso demonstra a importância da valorização do conhecimento de mundo, da valorização que deve existir do conhecimento que o aluno (seja ela correta ou não)

leva para a escola e a partir daí, usar de métodos que relacionem com o contexto do mundo real e as novas teorias. Para que o professor consiga realizar este intercâmbio de saberes é preciso primeiramente que ele faça uma sondagem para identificar até que ponto os alunos se dispõem a falar sobre o que conhecem, nesta etapa se torna um início de uma aprendizagem significativa, resultando na constituição de um novo pensamento crítico, que servirão para as futuras decisões sobre si e com o próximo.

Delabetha e Costa (2014) acreditam que o sentido de aprendizagem significativa começa naquilo que o aluno já conhece, em outras palavras, é investigar o que o aluno sabe, para em seguida ensinar apoiado no conhecimento prévio do discente. Para elas o mais importante é considerar a sabedoria do mundo do aluno e planejar uma educação reflexiva, com o objetivo de expandir mais o conhecimento.

“[...] a ideia da aprendizagem significativa, em que os novos conteúdos serão relacionados quando as ideias já existentes na estrutura mental dos alunos forem ampliadas e reconfiguradas” (DELABETHA; COSTA, 2014, p. 5). Quando as autoras mencionam ideias para trabalhar a estrutura mental de forma reconfigurada, se trata do reconhecimento das vantagens do uso de atividades lúdicas, no processo de ensino.

As autoras justificam que as características do lúdico são únicos, porque são materiais que envolve por completo o aluno, e faz gerar nele um entusiasmo que acaba não se limitando apenas o interesse em querer descobrir, mas envolve o emocional, que os impulsionam a se esforçar e se possível gastar a sua energia em querer dedicar, vencer as suas dificuldades, acreditando que chegará no ponto final, revertendo as situações, demonstrando criatividade e em cada etapa do processo de ensino-aprendizagem, externaliza o prazer de estar na sala de aula e além disso, o professor ainda identifica um maior desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração.

Desta forma, os discentes se tornam participantes ativos, desenvolvem sua imaginação e criatividade, porque os professores se tornam facilitadores do saber, usam estratégias para o desenvolvimento de habilidades, que os tornam capazes de produzir, associar conteúdos com situações do cotidiano (EGYPTO, 2012).

Por isto, é que o lúdico é caracterizado por Grisante e Maistro (2014) como “uma ferramenta privilegiada, que não requer do professor cobrança constante, pois

o aluno toma iniciativa de para resolver problemas, usar distintas linguagens, o corpo, com autonomia” (GRISANTE; MAISTRO, 2014, p.5).

Kishimoto (2001, p.36) argumenta que “quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge à dimensão educativa”. Diante desta declaração, entende-se que as atividades educativas propõem uma relação de teoria e a prática do mundo real, com o propósito de contribuir para a formação do aluno em um ser humano futuramente saudável e feliz.

Na atualidade, espera-se que o educador tenha um papel reflexivo, de ser um profissional que planeja suas atividades e as aplique de forma organizada, na perspectiva de se pôr no lugar do aprendiz, afirmam Haetinger e Haetinger (2009). Os autores discutem que o docente mesmo trabalhando o lúdico, só consegue alcançar um bom resultado quando se propõem a perceber a própria ludicidade, antes mesmo de querer apenas avaliar a capacidade do aluno nas atividades.

Com atividades motivadoras, dar-se a importância do progresso não só no quesito individual, mas no coletivo. A escola é o principal espaço inicial para ensinar o respeito às diferenças, para o desenvolvimento do senso de cooperação social, que com o tempo tornam os alunos pessoas mais humanistas. Por fim, os autores defendem a importância das brincadeiras como espaço fundamental na vida, “onde haja a conquista da liberdade, da autonomia, da compreensão do mundo vivido, de autoreflexão e, principalmente, da emancipação” (HAETINGER; HAETINGER, 2006, p. 58).

3 SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: ANÁLISE NA ESCOLA E.M.E.F. ANTÔNIO GONZAGA BARROS, ITAITUBA-PA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Gonzaga Barros está situada na Av. Riomar Tapajós Virgulino Lages (23ª rua), Bairro Bom Remédio, nesta cidade de Itaituba/Pará. Fundada no dia 21 de setembro de 1981, na gestão do então Prefeito, Altamiro Raimundo da Silva, com o nome de Escola Municipal de 1º Grau “Antonio Gonzaga Barros”. A escolha do nome da escola ocorreu pelo desejo em homenagear o ex-vereador Sr. Antonio Gonzaga Barros, autarquia que prestou grandes serviços para o Município de Itaituba.

A Instituição Educacional tem como filosofia “A formação do educando em seus aspectos físico, intelectual e cultural, de forma harmônica e crítica, considerando sempre sua realidade socioeconômica e cultural, suas reais necessidades e interesses, garantindo assim, a apropriação do conhecimento que assegura ao educando uma participação político social mais efetiva na sociedade, baseada na confiança mútua, na participação, no respeito e na solidariedade, devendo estar presente em toda a prática escolar, seja ela pedagógica, política ou puramente administrativa”.

A Instituição de Ensino iniciou suas atividades pedagógicas e administrativas, com 02 (duas) salas de aulas, 01 (uma) secretaria, 01 (uma) cozinha e 01 (um) banheiro. A Escola atendia a uma demanda de 245 (duzentos e quarenta e cinco) alunos, devidamente matriculados nos turnos: manhã, tarde e noite.

Naquela época, a composição da Escola se encontrava formado por 01 (uma) Diretora, cargo de nomeação, Prof.^a. Rosirene Lopes Silva, 01 (uma) Secretária Escolar –Prof.^a. Ana Maria Nascimento Cabral, 06 (seis) Professores, 04 (quatro) Serventes e 02 (dois) Vigias.

Em virtude do crescimento da Comunidade, em 1988, sob a gestão da professora Rosirene Lopes Silva, houve a implantação dos cursos de 1º Grau na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos e o 2º Grau Técnico em Contabilidade, Administração e Habilitação ao Magistério.

No ano de 1995, a Escola estendeu suas atividades educativas aos alunos com necessidades especiais. Mas, foi a partir de 2001 que a Unidade de Ensino

iniciou o Processo da Educação Inclusiva, que até a presente data vem sendo gradativamente desenvolvida.

Por reconhecer a necessidade do convívio social e os direitos subjetivos, a Escola “Antônio Gonzaga Barros” trabalha com a Inclusão dos alunos deficientes, nas séries/anos do Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos- EJA. Quanto ao ensino Médio, por força da Lei Federal Nº 9394/96 – Que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, observamos trechos extraídos da própria Lei que dizem:

Os estados incumbir-se-ão de: (...) II – Definir, com os municípios, formas de colaboração na oferta do ensino fundamental, as quais devem assegurar a distribuição proporcional das responsabilidades, de acordo com a população a ser atendida e os recursos financeiros disponíveis em cada uma dessas esferas do poder público; VI - Assegurar o ensino fundamental e oferecer, com prioridade, o ensino médio a todos que o demandarem, respeitado o disposto no art. 38 desta lei (BRASIL, 2017, p. 13).

A partir de 1997, as Esferas Públicas Municipal e Estadual, iniciaram Processo de Municipalização do Ensino Fundamental. Com isso, houve a necessidade de transferência do Ensino Médio, da Escola Municipalizada “Antônio Gonzaga Barros” para a Escola Estadual de Ensino Médio “Maria Graça Escócio Cerqueira”, na época conhecida como “Projeto Alvorada”.

Durante seu processo Educativo, a Escola teve como gestores, os Professores: Edmilson de Aquino, Selma dos Anjos Silva, Rosirene Maria Lopes Silva, Loreni Bruch Dutra, Isabel de Lurdes Mortari Keslarex, Vilemar de Andrade, Francisco Cláudio da Silva, José Ribamar de Almeida e Silva, Eliene Nunes de Oliveira, Erla Vieira de Sousa, Jeonni da Silva Gama e Antonio Carvalho Lima, Odeíze Miranda Hauzinger (Diretora), Adriana Rodrigues Ribeiro (Vice-Diretora) e Eliane Lemos (Vice-Diretora).

Atualmente a Escola está sob a administração do Núcleo Administrativo, para o biênio 2018-2020 assim formado: Antônio Carvalho Lima, Edilsa Barros Franco e Roseli Almeida da Silva. Além do Núcleo Administrativo atual a Escola se encontra composta por um quadro funcional distribuído da seguinte forma: 01 Diretor, 02 Vice-diretoras, 01 Secretária, 02 Técnicos Educacionais, 01 Psicopedagogo Institucional, 08 Aux. De Secretaria escolar, 14 Aux. de Serviços Gerais, 04 Merendeiras, 06

Vigias, 63 Professores, totalizando 103 servidores que compõe o quadro de colaboradores na escola.

Quanto ao número de alunos, o quadro discente é formado por 1785 (Um mil Setecentos e Oitenta e cinco) alunos, distribuídos em 49 (Quarenta e nove) turmas, assim: Nos turnos manhã e tarde são 41 turmas atendendo alunos do Ensino Fundamental Regular, do 1º ano ao 9º ano, somadas à 01 turma de 3ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos.

No turno da noite são 07 turmas compostas por alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos). A extensão da Unidade de Ensino culmina com a 01 Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) que atende alunos com necessidades educativas especiais.

Diante da exposição de dados e, considerando que a Instituição de Ensino é composta por um grande número de alunos e funcionários, os servidores da E.M.E.F. “Antônio Gonzaga Barros” consideram que as atividades educativas terão que ser essencialmente pensadas e planejadas, motivo que os conduz juntamente com alunos e interessados à construção do Projeto Político Pedagógico com metas a serem alcançadas no período de dois anos.

Na E.M.E.F “Antônio Gonzaga Barros”, de acordo com o Planejamento Administrativo – Pedagógico, tanto o Projeto Político Pedagógico quanto o Plano de Ação, são construídos a partir de temas eleitos, que são discutidos pela Comunidade interessada na semana pedagógica que acontece todo início do ano letivo.

Quanto a arquitetura e primando pelo lema “Acesso e Permanência com Sucesso” hoje a Escola caminha para uma estrutura física apropriada para atender a educação inclusiva e deseja proporcionar, ainda mais, o bem-estar a todos que compõem este espaço de ensino escolar uma sala multifuncional, a cozinha com duas subdivisões para depósitos um refeitório e 23 salas de aulas, sendo 9 no espaço térreo e as demais no 1º andar, tanto no espaço térreo como no primeiro andar tem banheiros de alunos masculinos e femininos.

Conta com um pátio coberto, um jardim, uma área livre, uma rampa de acesso. Para a prática de Educação física conta com uma quadra poliesportiva. Quanto aos equipamentos a escola Antônio Gonzaga Barros conta com Datashow telão, televisão, microfones, caixas de som, computadores distribuídos nas salas da

direção, das técnicas na secretaria, na sala dos professores, sala multifuncional e alguns no infocentro, porém, em desuso, pois estão com problemas.

A escola conta ainda com xerocadoras, impressoras que são destinados ao trabalho burocrático e pedagógico na escola. Conta ainda com geladeiras, frízeres, bebedouros para alunos, fogões, cadeiras com braço para os alunos do fundamental maior e mesinhas com cadeiras para o Fundamental Menor. Mesas e cadeiras para as salas dos professores, salas administrativas e multifuncional.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para essa pesquisa de natureza exploratória e descritiva de abordagem qualitativa, foi utilizado três tipos de procedimentos: levantamento bibliográfico, pesquisa documental e estudo de campo, visando compreender as dificuldades que os professores enfrentam ao tratar de sexualidade na sala de aula, apontar os olhares dos professores sobre a temática da sexualidade em sala e Verificar como os professores abordam o tema de forma que venha contribuir e sensibilizar os jovens dos riscos no ato sexual.

A pesquisa bibliográfica é conceituada por Fonseca (2002, p. 32). Como um:

[...] levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta

O segundo procedimento é similar a primeira, explica o autor. Porém, os ele especifica que neste procedimento a consulta se expande a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico como (as tabelas estatísticas, os jornais, as revistas, os relatórios, os documentos oficiais, as cartas, os filmes, as fotografias, as pinturas, as tapeçarias, os relatórios de empresa, os vídeos de programas de televisão) e dentre outros.

A pesquisa de campo caracteriza-se “pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas,

com o recurso de diferentes tipos de pesquisa [...]” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37). O delineamento da pesquisa foi definido em modo investigativo a fim de verificar se a escola trabalha sexualidade no ambiente escolar, fazer uma análise sobre as questões da orientação sexual no seu desenvolvimento físico e psicológico, por meio de informações corretas vindas da escola e família.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, um instrumento que possibilita uma investigação para obter informações necessárias, baseando-se na indagação com um pequeno grupo de docentes, que serão questionados sobre assuntos abrangentes a um tema que tanto o pesquisador quanto os docentes discutiram o assunto de acordo com serviços executados pelos docentes em sala de aula com seu alunado (AMARO, PÓVOA; MACEDO, 2004/2005).

A pesquisa de campo se desenvolveu no período dos meses de outubro a novembro do ano de 2019 e foram entrevistados dez professores que responderam a vinte perguntas sobre o tema em estudo.

3.3 ANÁLISES DOS RESULTADOS

Para a obtenção e análise de dados nas categorias a seguir, foi aplicado um questionário avaliativo contendo vinte perguntas, objetivas e subjetivas, organizadas em quatro categorias: dados de identificação, dados sobre o perfil profissional, contato com o tema na formação e conhecimento sobre a Sexualidade no âmbito escolar.

O questionário foi direcionado a dez docentes titulares da E.M.E.F. Antônio Gonzaga Barros, nomeados de D1 a D10, sendo assim, identificados nesta situação por meio de um código numérico, garantido aos participantes da pesquisa a não exposição de seus nomes, mantendo o respeito aos seus direitos como foi informado durante o desenvolvimento deste estudo.

3.3.1 Categoria: Dados pessoais dos Docentes Participantes

Primeiramente, nesta categoria têm-se a identificação do código gerado pela pesquisadora, que informa o sexo e idade dos Docentes Participantes

(representados pelo código DP) na aplicação do questionário-avaliativo, descrito no quadro a seguir:

Docentes Participantes (DP)	Sexo	Idade
D1	Masculino	59
D2	Feminino	38
D3	Feminino	42
D4	Feminino	45
D5	Feminino	35
D6	Feminino	29
D7	Feminino	42
D8	Masculino	39
D9	Feminino	51
D10	Feminino	39

Quadro 1 – Dados pessoais dos professores participantes. Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

De acordo com a tabela 1, é notável que durante a aplicação do questionário foi possível contar com a participação de 8 profissionais do gênero feminino, fator que pode ser compreendido de acordo com os dados que compõem as pesquisas do INEP - Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, autarquia federal vincula ao MEC.

Nos dados divulgados em 31 de janeiro de 2019, verifica-se uma diferença elevada, em termos quantitativos para um número de docentes atuantes na educação básica. Constata-se o total de 535 docentes atuantes no Ensino fundamental II em Itaituba/PA no ano de 2018, equivalente a uma quantidade acima de 63% para o gênero feminino (INEP, 2019). Além disso, torna-se claro a visualização de que a idade média das professoras participantes são aproximadamente 42 anos.

3.3.2 Categoria: Perfil profissional dos Docentes Participantes

Nesta categorização, buscou-se conhecer um pouco melhor sobre os docentes participantes, o que permitiu verificar o seu trajeto profissional, com a intenção de estar informado sobre o nível de contato com a temática Sexualidade no ambiente escolar. Para melhor visualização das informações cedidas por eles, foi composto o segundo quadro para melhor observação do histórico de cada profissional, apresentado na próxima página.

DP	Graduação	Tempo de formação (anos)	Especialização	Disciplina que Ministra
D1	Letras/Artes	4	Estudos Culturais da Amazônia	Redação
D2	Ed. Física	10	Educação Física Escolar	Educação Física
D3	Matemática	18	Não possui	Matemática
D4	Pedagogia	4	Psicopedagogia	Ensino Religioso
D5	História	10	Não possui	Est. Amazônicos
D6	Geografia	5	História e Geografia	Geografia
D7	Pedagogia e L. inglesa	10	Psicopedagogia Clínico e Institucional e Língua Inglesa	Ensino da Arte
D8	Biologia	12	Educação e Gestão ambiente	Ciências
D9	Letras	31	Língua Portuguesa e Literatura	L. Portuguesa
D10	História	12	Metodologia de Língua Portuguesa e Estrangeira	História

Quadro 2 – Dados sobre a carreira profissional. Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

Perante os dados do quadro 2, torna-se evidente que todos os professores possuem a graduação correspondente a disciplina que ministram, como sendo um requisito necessário da política de funcionamento da educação. Sendo, portanto, o público de interesse para a utilização do instrumento para coleta de dados.

Com relação ao tempo de formação, é importante observar que apenas o professor D9 possui um tempo considerado elevado, diferentemente das professoras D4 e D6 que possuem de 4 a 5 anos apenas. A docente D3 é formada há 18 anos e os outros docentes possuem igual ou acima de 10 anos de formação e atuação.

Outra informação relevante é que nove docentes participantes possuem especialização, enquanto que as professoras D3 e D5 não especificaram nenhuma. Além disso, é possível compreender que todos estes professores atuaram de fato a sua profissão em escolas durante a conclusão de sua graduação, o que demonstra terem experiência próximo ao mesmo período de formação.

3.3.3 Categoria: Contato com o tema na Formação

Sobre o questionamento quanto ao contato com a temática “Sexualidade no Ambiente Escolar” e como foi abordado na formação dos docentes participantes, obteve-se as seguintes respostas representadas no gráfico 1 na página seguinte.

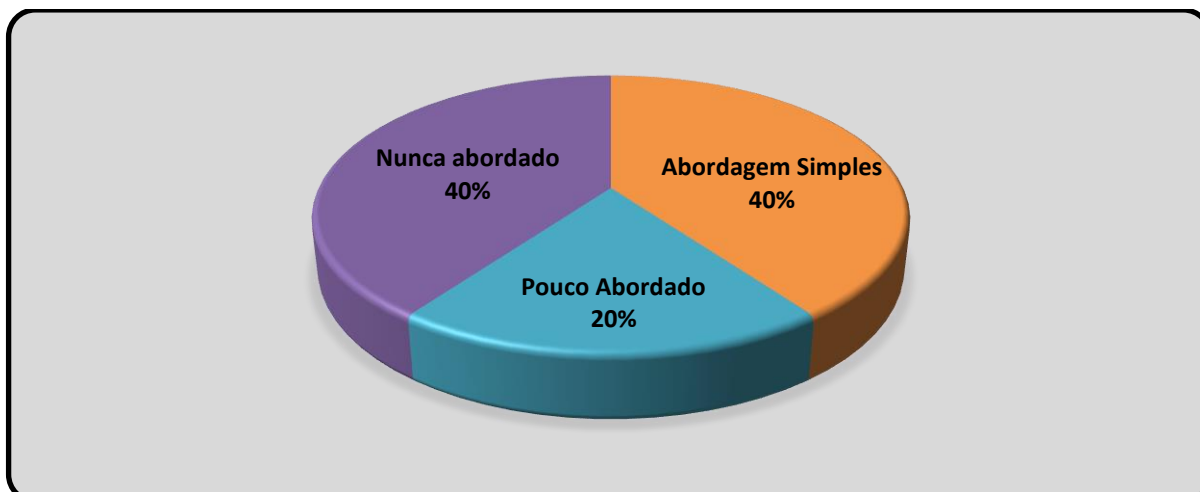


Gráfico 1 – Educação sexual/Sexualidade na escola durante a graduação? Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

Pode-se observar no gráfico acima, que a temática sexualidade nunca trabalhada em uma grande abordagem na graduação de 40% dos professores participantes. Outros 40% afirmaram que o assunto foi falado em uma abordagem simples, enquanto que apenas 20% acreditam que o tema foi pouco abordado.

A sexualidade tem sido nos últimos tempos, uma temática que gera diversas problematizações dentro das Faculdades ou Universidades. É um tema que tem buscado favorecer a cidadania, sempre destacando os direitos humanos e a luta para reduzir a violência e discriminação de grupos sociais que compõe a classe de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), mulheres, negros/as, índios/as, entre outros segmentos sociais.

A pesquisa desenvolvida por Rizza, Ribeiro e Mota em 2018, mostra que as discussões sobre a sexualidade têm sido presentes nas disciplinas obrigatórias ou optativas, presentes nos currículos de diferentes cursos de graduação de universidades federais.

Elas fizeram um mapeamento de todas as universidades que estão credenciadas no site do Ministério da Educação, referente as cinco regiões do Brasil: Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul. Elas discorrem que no link de Instituições de ensino Superior, do mesmo site possui uma opção nomeada “e-mec”, no qual tiveram acesso a todos os dados precisos, em especial aos cursos oferecidos em cada instituição.

A pesquisa não ficou restrita apenas ao site do MEC, mas as mesmas buscaram informações nos sites de cada instituição sobre os cursos de graduação que cada uma estava oferecendo, e analisaram documentos oficiais como as

Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura e de graduação plena, as Diretrizes Nacionais para a Educação em direitos humanos e o Plano Nacional de Educação (PNE), lei 13.005 de 5 de junho de 2014, a fim de pensar o quanto essas políticas educacionais têm impulsionado esse debate, produzindo assim alguns efeitos de verdade.

Elas estabeleceram palavras-chave como “gênero, diversidade, sexualidade, educação sexual e orientação sexual, que, quando encontradas na nomenclatura da disciplina, já eram selecionadas para a pesquisa como contendo discussões de sexualidade. Constataram que há disciplinas que são ofertadas em diferentes cursos de licenciatura, sendo que em alguns deles há oferta de um número maior de disciplinas.

Os cursos e o respectivo número de disciplinas ofertadas são: Pedagogia (58); Ciências Sociais (41); História (20); Ciências Biológicas (9); Psicologia (6); Educação Física (5); Física (4); Matemática (4); Geografia (3); Ciências da Religião (2); Dança (2); Educação Musical (2); Letras Língua Estrangeira Inglês e Espanhol (2); Letras Língua Estrangeira Moderna ou Clássica (2); Letras Vernáculos Língua Estrangeira Moderna (2); Química (2); Artes Cênicas (1); Artes Cênicas com Habilitação em Teatro (1); Ciências Agrárias (1); Ciências da Computação (1); Educação do Campo (1); Educação do Campo com Habilitação em Linguagens (1); Intercultural Indígena (1); Interdisciplinar em Ciências Humanas (1); Interdisciplinar em Educação no Campo (1); Letras Vernáculos (1) e Teatro (1).

Rizza, Ribeiro e Mota (2018) contabilizaram 60 instituições, e tiveram acesso a 44 disciplinas de cada semestre. Assim, constataram que 38 universidades oferecem disciplinas, o que corresponde a 86% e somente 6 não oferecem, o equivalente a 14%. Do total de cursos de graduação pesquisados nessas universidades, em 82 deles encontramos disciplinas de sexualidade sendo ofertadas, sendo 27 deles de licenciatura e 55 de bacharelado. Além disso, desse total de cursos de graduação, 39 deles oferecem mais de uma disciplina e os 43 cursos restantes oferecem apenas uma disciplina de sexualidade.

Ou seja, na região Norte, apenas 1 disciplina em cursos distintos abordam a sexualidade, comprovando que não poderia ser de outra forma os dados do gráfico 1. Diferente disso, na região Nordeste há 36 disciplinas, na região Centro-Oeste 31

disciplinas, na região Sudeste 30 disciplinas e na região Sul 39 disciplinas voltadas para a sexualidade, como mostraram os estudos de Rizza, Ribeiro e Mota (2018).

Foi questionado aos professores participantes se durante os cursos de especialização o assunto Educação Sexual com ênfase a sexualidade esteve presente em alguma disciplina, sendo assim, exposto as seguintes respostas no gráfico 2 abaixo:

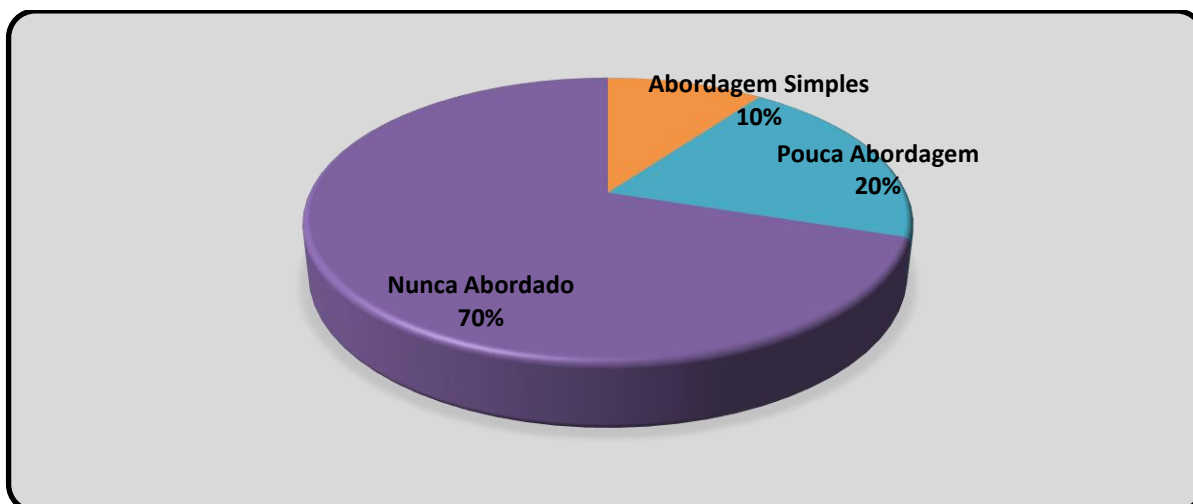


Gráfico 2 – Educação sexual/Sexualidade na escola durante a especialização/mestrado/doutorado.
Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

Para 70% dos docentes participantes, conteúdos referentes a educação sexual ou sexualidade nunca foi abordado nos cursos de especialização. 20% acreditam que houvera sim uma pequena abordagem sobre o assunto e apenas 10% afirmaram que a temática foi falada de forma simples.

No II Congresso Nacional de Ensino de Ciências e Formação de Professores (CECIFOP) ocorrido do mês de maio, no ano de 2019 no Estado de Goiás, Mendes e Ribeiro (2019) apresentaram uma pesquisa intitulada “Estudos de Gênero e Sexualidade: um Panorama das “Produções de Dissertações e Teses na Área de Ensino e nos Programas de Pós-Graduação Goianos”.

As autoras fizeram 2 processos para busca e análise de dados, vale para este estudo mencionar somente o primeiro processo, em que ambas realizaram uma busca sistemática no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, das dissertações e teses referentes ao tema vinculadas aos Programas de Pós-Graduação da área de Ensino, por meio das palavras-chave: gênero, sexualidade, educação e escola.

Esta primeira busca realizada no Catálogo da Capes esteve voltada para a área de Ensino, e elas chegaram a 33 resultados e selecionaram apenas 30 qualificadas como mais importantes para o estudo. As autoras concluíram que o

maior número de teses sobre a sexualidade é desenvolvido na região do Sul no Brasil, devido ser uma temática bastante discutida nos programas de Pós-Graduação, o que justifica os dados do gráfico 2 em que aponta 70% dos participantes terem afirmado que o assunto nunca foi abordado nos programas de Pós-Graduação ou Mestrado, comprovando assim, a ausência de disciplinas que abordem a Sexualidade nesses programas de formação na região Norte como mostra o , como é mostrado no quadro 1 na página seguinte.

ESTADO	NÍVEL	PROGRAMA	TOTAL DE TRABALHOS
Alagoas	Mestrado	Ensino na Saúde - UFAL	02
Espírito Santo	Mestrado		01
Goiás	Mestrado	Ensino na Educação Básica - UFG	02
Paraná	Mestrado	Ensino - Formação docente interdisciplinar – UNESPAR Ensino – Ciências, Linguagens, Tecnologia e Cultura - UNIOESTE	05
Rio de Janeiro	Mestrado	Diversidade e Inclusão - UFF	06
Rio Grande do Norte	Mestrado		01
Rio Grande do Sul	Doutorado	Educação em ciências: química da Vida e saúde - FURG	03
Rio Grande do Sul	Mestrado	Educação em ciências: química da Vida e saúde - FURG	06
São Paulo	Mestrado		03
São Paulo	Doutorado		01

Quadro 3 - Títulos pesquisados no Catálogo Capes por tipo de Programa e Estado de origem. Fonte: Mendes e Ribeiro (2019).

Mendes e Ribeiro (2019) informam que para a área do ensino, com base nas documentações de avaliação do Capes, O Brasil já conta com 148 programas de Pós-graduação, sendo deste valor representativo 51% são Mestrado Profissional, sendo de forma propícia dentro das propostas de pesquisa translacional da área, pois o Mestrado Profissional tem entre suas características principais a ação transformadora, a produção concreta de um resultado a sua pesquisa.

Essa característica de produção científica aplicável de forma prática, que é comum dos mestrados profissionais traz uma característica bastante interdisciplinar que comunga com a Área de Ensino de modo geral, e que são profundamente interessantes em pesquisas de relevância social e de consciência humanitária, como as pesquisas voltadas para os estudos de gênero, que visam propagar a igualdade e dizimar os preconceitos. O produto educacional é esta ação transformadora que tira a pesquisa do meio acadêmico e a encerra no meio social.

3.3.4 Categoria: Conhecimento sobre a Sexualidade no Ambiente Escolar

Nesta categorização, averigui o conhecimento pessoal dos docentes participantes sobre o conceito do termo Sexualidade de forma livre no questionário e

foi obtido as respostas do quadro 4:

DP	RESPOSTAS
D1	A sexualidade é a nossa motivação para a convivência saudável tanto pessoal quanto socialmente. Envolve o contato entre pessoas através do corpo que expressa todos os nossos sentimentos, inclusive de satisfação e prazer pela vida (o falar, o andar, o toque, etc.)
D2	É um tema complexo, mas necessário, uma vez que proporciona o autoconhecimento de gênero e particularidades de cada indivíduo.
D3	É saber conhecer o seu próprio corpo e perceber o que podemos sentir e expressar através dele sem preconceito e com responsabilidade.
D4	É um tema bem propício, pois os alunos precisam de orientação.
D5	É algo que está além do sexo, é afetividade compartilhada entre duas pessoas.
D6	Conhecer sobre a prática segura e com responsabilidade
D7	É a forma como uma pessoa se define na vida, pois tem haver com sua identidade, sentimentos, satisfação e afetividade. Algo que está diretamente associada ao sexo e ao prazer, entre outros fatores.
D8	Sexualidade está ligado a tudo que somos capazes de sentir ou expressar.
D9	Ações e atitudes comportamentais e de prazer do ser humano, como: a descoberta das funcionalidades dos gêneros, o ato sexual e prazeres funcionais orgânicos. Ex. prazer ao comer, excreções fisiológicas, toque no corpo e nas genitálias.
D10	Acredito que a sexualidade está baseada na afetividade, compartilhada, bem como na atração sexual. é algo que é manifestado da hora do nascimento até a morte.

Quadro 4 – Qual o conceito de sexualidade para você? Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

Refletindo sobre os dados acima, observa-se que o conceito de sexualidade na visão do docente D1, se trata de uma motivação para se ter uma vida saudável e uma forma do corpo humano expressar emoções, aspecto este também mencionado pelos docentes D8 e D3, os quais destacam a capacidade do indivíduo em conhecer seu próprio corpo.

A docente D2 afirma ser um assunto complexo, porque requer conhecimento sobre gênero e as particularidades de cada indivíduo, enquanto que, o docente D4 não informou o seu ponto de vista com relação ao conceito, mas apenas concordou ser um assunto propício para repassar aos alunos. A docente D6 afirma que a sexualidade é conhecer sobre a prática do sexo com segurança e responsabilidade.

É comum depararmos com ideias de que a sexualidade seja o conhecimento sobre o corpo, expressão de sentimentos, prevenções contra doenças, gravidez dentre outros aspectos. Santos e Araújo (2009) revelam que os docentes têm sido nos últimos tempos referenciais de discussão sobre a questão da sexualidade, pois na maioria dos casos na escola, eles optam por não levar o assunto para a discussão na sala de aula, mas se dispõem a falar de forma superficial, não dando liberdade para um debate efetivo, ou elaborar questionamentos para aguçar o ponto

de vista crítico, que vá além da prevenção e promoção da saúde, considerando a intencionalidade e as relações de poder existentes na produção dos saberes.

As docentes D7 e D9 acreditam que a sexualidade está diretamente ligada à prática sexual, ao prazer e a satisfação, aspectos que ajudam a pessoa a definir a sua opção, bem como a sua identidade. A docente D9 especifica que o prazer é oriundo de “*descoberta das funcionalidades dos gêneros, o ato sexual e prazeres funcionais orgânicos [...]*” o que significa que para ele a sexualidade não se limita apenas ao sexo, mas que outros componentes funcionais orgânicos como o ato de comer, excreções fisiológicas, constituem a sexualidade, ou seja, um conjunto de comportamentos que concernem à satisfação da necessidade e do desejo sexual.

As autoras Santos e Araújo (2009) explicam que para aprofundar diálogos sobre as relações que permeiam a sexualidade e “*funcionalidades dos gêneros*” como foi mencionado pela docente D9, é necessário se desfazer de conceitos errôneos e perturbadores que estão presentes no meio escolar e buscar desconstruir algumas ideias, partindo da clareza sobre as diferenças entre sexo e sexualidade.

Furlani (2007) informa que a sexualidade é construída historicamente, ou seja, é considerar que ela tem uma história e que foi criada em um tempo determinado, em alguma época que já existiu, por isso, sua análise é ampla, pois considera-se as relações de poder, referenciais de classe, as relações entre os gêneros, a diversidade sexual, os aspectos sociais, históricos, políticos, econômicos, éticos, étnicos e religiosos.

Porém, para as docentes D5 e D10, a sexualidade é algo além do sexo e que está baseado na afetividade compartilhada entre pessoas, devido a atração entre elas. De acordo com a docente D10, a sexualidade está presente na vida do ser humano desde o seu nascimento até a morte.

De fato, é algo além do sexo, pois Britzman (1999) sugere a concepção do filósofo e historiador Michael Foucault, que conceitua a sexualidade não como um tipo de dado natural que o poder tenta manter sob o controle, ou como um obscuro domínio que o conhecimento tenta gradualmente descobrir.

Ela é o nome que pode ser dado a um construto histórico: não uma realidade furtiva que é difícil de apreender, mas uma enorme superfície em forma de rede na qual as estimulações dos corpos, a intensificação dos prazeres, o incitamento ao discurso, a formação de um conhecimento especializado, o reforço de controles e

resistências estão vinculados uns aos outros, de acordo com algumas poucas estratégias importantes de saber e poder.

Já o significado da palavra sexo, de acordo com o Dicionário de Ferreira (2010, p. 1.580), é originária do latim *sexu* e consiste na “conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas”. Diz respeito, portanto, aos aspectos biológicos apenas. Podemos entender, então, que sexo é diferente de sexualidade.

Nessa perspectiva, é preciso considerar que “a sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução” (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p. 29) e, portanto, não pode ser alienada das características humanas.

Foi questionado a cada docente participante o seu entendimento pessoal sobre Educação Sexual, obteve-se as seguintes respostas contidas no quadro 5 abaixo:

DP	RESPOSTAS
D1	Orientações que proporcionam eu conhecer a mim e os outros e, assim ter uma vida saudável.
D2	É o ensino anatômico, comportamentos e psicológicos relacionados a reprodução humana.
D3	É discutir e orientar sobre a vida sexual, questões como órgãos sexuais e suas funções, métodos de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis e gravidez.
D4	Todos precisam ser orientados pela família e escola.
D5	Bom, vejamos que a educação sexual hoje ainda é cercada pelo o preconceito, e falar da sexualidade gera um certo constrangimento nas pessoas.
D6	Utilizar de diferentes temáticas para que a sociedade veja a sexualidade de forma segura e responsável
D7	Pode-se dizer que é o ensino relacionado a anatomia e também dos aspectos comportamentais, e psicológicos de um indivíduo, bem como fatores ligados aos sistemas reprodutores visando ensinar e esclarecer dúvidas frequentes dos jovens.
D8	É compreender sobre o funcionamento da anatomia, da psicologia e também, os aspectos comportamentais que estão relacionados com a reprodução humana.
D9	Ensino e esclarecimentos sobre o próprio corpo, sua funcionalidade e cuidados preventivos.
D10	Entendo que ao ensinar ou esclarecer e preparar o adolescente para uma vida sexual de forma segura, e chama-lo para a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo.

Quadro 5 – O que você entende por Educação Sexual? Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

Mediante o exposto, é interessante observar que os docentes D1, D4 e D6 entendem que a educação sexual se trata de ensinar, orientar o aluno sobre o seu próprio corpo, ter cuidados preventivos, afim de que ele tenha uma vida saudável, e que tais orientações devem ser feitas pela família e a escola, como especificou a

docente D4. Já os docentes D2 e D8 acreditam que a educação sexual são conhecimentos da anatomia, psicológicos relacionados aos aspectos que resultam na reprodução humana, já a docente D5 apenas caracteriza como um assunto cercado de preconceitos e que intimida as pessoas.

Verificando que os docentes participantes pensem dessa maneira sobre a educação sexual, entende-se o quanto é importante a interferência de um currículo atento à formação escolar e à construção do sujeito social (e sexuado) é precisa para problematizar pré-conceitos e atitudes discriminatórias.

Britzman (1999) questiona em seus estudos a dificuldades de tratar o assunto sexualidade na sala de aula, mas acredita que o professor precisa ter coragem para desenvolver uma política de encorajamento nesse momento em que não tem sido tão comum levantar questões relacionadas a sexualidade.

Isso revela que a temática tem muito a ver com a capacidade para a liberdade e com os direitos civis e que o direito a uma informação adequada é parte daquilo que vincula a sexualidade tanto com o domínio imaginário quanto com o domínio público.

A docente D3 considera que a educação sexual vai além da ação orientar, mas estimular discussões com os alunos sobre a vida sexual e evidenciar os funcionamentos dos órgãos e as precauções para evitar doenças e gravidez precoce. Para fundamentar as discussões, a docente D6 entende que fazer uso de diferentes temáticas facilita a compreensão da sexualidade de forma segura e responsável.

Ensino sobre a anatomia, aspectos comportamentais e psicológicos são as características que definem a educação sexual para a docente D7, que destaca a importância da sanar as dúvidas dos jovens. Esclarecer e ensinar são as melhores formas de ajudar e preparar o adolescente para uma vida sexual com segurança e sensatez, na visão da docente D10.

O senso comum, baseado em crenças e valores pessoais, fundamenta argumentos como o que confunde opção sexual com orientação sexual, proferidos por grande parcela da população independentemente de outras variáveis sociais como: classe, gênero, intelectualidade, geração. Entretanto, há diferença entre opção e orientação sexual. Quando uma pessoa opta por algo, ela faz uma escolha entre várias ou, no mínimo, entre duas possibilidades.

As pessoas com orientação homossexual não optam por se apaixonar e se relacionar intimamente com pessoas do mesmo sexo. Em primeiro lugar porque se pudessem, provavelmente, não optariam por ser alvo de ações, comentários ou olhares preconceituosos e discriminatórios, uma vez que a regra dominante é a heterossexualidade (BRITZMAN, 1999).

Em segundo lugar, porque o desejo afetivo-sexual dessa pessoa é orientado a pessoas do mesmo sexo, assim como ocorre na heterossexualidade, em que o desejo afetivo-sexual da pessoa é orientado a pessoas do sexo oposto. Com isso, pode-se entender que se existe alguma espécie de preferência na homossexualidade não é a de se relacionar com uma pessoa do mesmo sexo em detrimento de outra do sexo oposto, mas sim em assumir isso publicamente ou não (BRITZMAN, 1999).

Foi questionado se os docentes acreditam que o conhecimento ou as experiências sexuais dos estudantes influenciam de alguma forma nos assuntos na sala de aula e foi obtido as seguintes respostas descritas no quadro 6:

DP	RESPOSTAS
D1	Depende das experiências. Que experiências? Uns tem certo grau de educação e entendimento sobre o assunto, outros não. Isso torna imensurável. Tais experiências que podem sim, ser positivas a uns e negativas a outros.
D2	Sim, mas como é um assunto pouco abordado e que profissionais ainda se encontram limitados em relação ao tema, faz-se necessário um trabalho de conscientização da importância de este ser trabalhado no cotidiano escolar.
D3	Depende da maneira como essas experiências são colocadas, pois os alunos, em sua maioria, tornam esse assunto algo pornográfico e sem responsabilidade.
D4	Sim, porque através de vivências os outros podem tirar exemplos
D5	Não, uma vez que os alunos estão desorientados em questão da sexualidade
D6	Discordo com a ideia. Pois os adolescentes estão em formação e levam a sexualidade como brincadeira.
D7	Acredito que sim. A sexualidade faz parte da vida, seu ciclo está relacionado aos sentimentos, emoções e interações, e também as relações de troca, como uma necessidade humana. Portanto, quando há um direcionamento, orientações e esclarecimentos os jovens podem desenvolver relações sadias e ter uma compreensão melhor que do acontece com seu corpo e suas emoções.
D8	Sim, por que com o conhecimento fica fácil os mesmos terem noções de algumas situações que ocorre no dia a dia, tais quais, compreender o porquê um indivíduo ser homossexual as características morfológicas de outros e etc.
D9	Sim, se o aluno tiver maturidade e respeito.
D10	Nem sempre, pois muitas das vezes não sabem se comportarem de maneira adequada com o assunto.

Quadro 6 – Influência do conhecimento ou das experiências sexuais dos estudantes na sala de aula.
Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

De acordo com os dados acima, as docentes D2, D4 e D9 afirmaram que sim, na condição de que o aluno tenha maturidade e respeito para que o professor consiga associar os conteúdos didáticos com a temática, sendo necessário também

realizar trabalhos de conscientização, afim de compartilhar informações sobre a sexualidade no ambiente escolar, já que ainda existem muitos educadores que se limitam a tratar deste tipo de assunto na escola e que as experiências de outros servem como exemplos para o aluno no processo de ensino-aprendizagem, como destacou a docente D4. Entretanto, o docente D1 questionou que experiência o aluno adolescente pode ter, pois para ele experiências influenciam positivamente nos conteúdos didáticos quando o aluno tem um grau de educação e entendimento maior, diferente dos outros que não possuem essas qualidades. Já a docente D3 acredita que não, devido a maioria tratar a temática como algo pornográfico.

Parece fácil nos dias de hoje abordar o tema sexualidade com os adolescentes, devido a influência exercida pela mídia, como por exemplo, os programas de televisão, propagandas e músicas que estão a todo momento enfatizando o sexo. Mas na verdade, existe uma dificuldade em abordar esse assunto com os adolescentes no meio familiar e no contexto de sala de aula por professores (GUIRALDELLO; PIRES, 2013).

Alguns professores também dizem que não estão aptos para tratar pedagogicamente o tema sexualidade com seus alunos, segundo Sayão (1997) mesmo sem perceber, alguns educadores já ficam incomodados em transmitir esse tipo de conteúdo, pois eles mesmos têm suas próprias concepções, convicções e valores sobre a vida sexual, incluindo-se aí a moral e os preconceitos. Outra dificuldade em abordar o tema é devido a certas reações de alguns alunos ao assistirem a tais aulas como sorrisinhos maliciosos, piadinhas, burburinhos e perguntas inadequadas, desmotivando o trabalho sobre sexualidade e o professor pode buscar meios de reverter essas situações.

A docente D6 discorda de qualquer possibilidade de o aluno ter conhecimento ou experiências que favoreça nos assuntos tratados na sala de aula, e justifica que o a temática sexualidade não é um assunto levado a sério pelos adolescentes. A docente D5 também afirma que não e alega que os alunos estão desorientados sobre a questão da sexualidade, enquanto que a docente D10 critica a falta de comportamento adequado para se falar deste tipo de assunto. Os docentes D7 e D8 confiam que o conhecimento ou as experiências sexuais dos estudantes influenciam de alguma forma nos assuntos na sala de aula, porque a docente D7 coloca que a sexualidade é algo da vida e está ligado a sentimentos, emoções e interações, como sendo uma necessidade a ser vivido com outros como uma relação de troca e ter

orientações eles passam a ter uma compreensão melhor sobre a sexualidade. O docente D8 defende de que os alunos têm noção do que possa ser a sexualidade devido as situações que acontece no dia a dia e isso facilita explicar quais fatores levam o indivíduo ser homossexual.

Segundo Santos (2009), as discussões sobre a sexualidade precisam, estar presente em várias disciplinas escolares, por meio dos conteúdos propostos em detrimento de uma discussão insipiente e desarticulada do contexto escolar. Aliados aos pais, a escola, segundo é um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes. Se a escola não participa, deixa os adolescentes a mercê de experiências que provavelmente não vão dar conta dos anseios, dos medos e das dúvidas que vão surgindo ao longo da vida. Se a escola se nega ou não efetua esse trabalho, ela reforça a ideia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano.

Com isso, ela transmite para o adolescente a informação de que a sexualidade é mesmo para se aprender na rua, como alguma coisa suja e informal aprendida de qualquer jeito. De acordo com Suplicy (2000) a função da escola é contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades.

Além disso, foi questionado aos professores participantes se já mencionaram no ambiente escolar as diferentes opções sexuais (homossexualidade) existentes e obteve-se as respostas descritas no quadro 7 a seguir:

DP	RESPOSTAS
D1	Sim. Minha abordagem objetivou esclarecer os alunos sobre o respeito necessário na convivência em sociedade com pessoas que têm opção sexual diferente.
D2	Não, ainda não tive a oportunidade.
D3	Não.
D4	Não
D5	Não
D6	Não, mas sempre digo para ter respeito um para com os outros
D7	Sim, é um assunto frequente em sala de aula quando se trabalha com adolescentes. Atualmente é um tema bastante falado devidos aos traços e comportamentos de alguns alunos. São muitas situações, umas gostaria apenas de comentar que são situações frequentes. Assim como desigualdades, preconceitos e discriminação.
D8	Sim, pois a orientação sexual de uma pessoa indica por quais gêneros sentirá mais atraída, isto é, física, emocionalmente, etc.
D9	Sim. No tema inclusão social, onde devemos respeitar as diferenças mesmo se discordarmos, e por na escola ter alunos com demonstrações atitudinais de serem homossexuais e que não sofram bullying.
D10	Sim.

Quadro 7 – Diferentes opções sexuais (homossexualidade). Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

Com base nas informações do quadro 7 na página anterior, as docentes D2, D3, D4, D5 e D6 afirmaram não ter feito ainda nenhuma abordagem sobre a sexualidade na sala de aula, dentre dois deles por não ter oportunidade ou por apenas frisar sobre o dever de respeitar o próximo. Já os docentes D1 e D9 afirmaram que sim e informaram que o seu objetivo na sala de aula foram explicar sobre a necessidade de manter o respeito em prol da boa convivência em sociedade e por ser um tema que é característico da inclusão social, pelo fato de o aluno aceitar as diferenças e não cometer bullying.

Diante da afirmação dos docentes que afirmaram não ter tido alguma oportunidade, promover palestras é uma excelente alternativa de oportunizar momentos de aprendizado sobre a temática, podendo ser feitas com professores ou convidados. Pode-se afirmar que trabalhar este tema em palestras, seja com convidados ou mesmo com professores, deve ser encarado como complementar ao trabalho feito em sala de aula e as rodas de discussões, uma vez que nestes últimos os alunos teriam um contato mais íntimo/estariam mais próximos da pessoa que, na visão dos mesmos, “detém o conhecimento”, possibilitando que a troca entre as partes seja maior e melhor devido a essa relação de proximidade e intimidade (SOLARO, 2015).

Indo ao encontro da vontade dos alunos, a maior parte dos professores acredita que a sala de aula é uma das melhores formas de abordar esta temática. A autora Solaro (2015) desenvolveu uma pesquisa e constatou que palestras com convidados sejam melhores que rodas de bate-papo na visão de professores, já na visão dos alunos, ela identificou que eles veem as palestras como algo complementar ao trabalho realizado em sala de aula pelos professores, tanto em aulas expositivas quanto em rodas de bate-papo para esclarecimento de dúvidas e discussão de temas mais polêmicos, como aborto, abuso sexual, machismo e feminismo, etc. Ou seja, é importante que o aluno entenda a temática como algo complementar do ensino nas escolas.

Todavia, os docentes D7, D8 e D10 confirmaram já terem falado sobre a homossexualidade, eles explicaram que se trata de um assunto atual e presente na sala de aula, e devido alguns alunos terem comportamento diferentes, ele se sente na responsabilidade de falar sobre a homossexualidade para então evitar o preconceito, as discriminações, como afirmou a docente D7, além disso, o docente

D8 entende que a orientação sexual é necessária para ajudar o aluno a entender por qual gênero ele pode ter mais atração, seja pelo físico ou emocional.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), é dever da escola estimular a reflexão dos alunos, a partir da problematização e do debate dos vários assuntos dentro da temática sexualidade. Cabe à escola desenvolver a capacidade crítica e reflexiva dos alunos, além de proporcionar a eles o espaço para que esses debates e reflexões ocorram. Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a escola tem o papel de abrir espaço para que as diferentes concepções, valores e crenças sobre este tema possam vir à tona, trabalhando o respeito às diferenças, assumindo ela mesma esta postura de respeito às diferenças expressadas pelos alunos e suas famílias.

Foi solicitado dos docentes participantes que citassem as maiores dificuldades que eles acreditam que um professor enfrenta ao trabalhar o tema sexualidade no ambiente escolar, e foi adquirido as seguintes respostas mostradas no quadro abaixo:

DP	RESPOSTAS
D1	Eu não tenho dificuldades.
D2	Falta uma mentalidade mais “aberta” relacionados ao tema.
D3	Falta de atenção, compreensão, comprometimento e responsabilidade, pois para eles tudo é levado na brincadeira ou para o lado pornográfico.
D4	Discriminação, as vezes desrespeito
D5	O preconceito, é uma das grandes dificuldades. Pois a maioria dos pais, os próprios não tocam e não permitem que seus filhos tenham algum conhecimento do assunto.
D6	Devido os alunos em sua grande maioria não terem esse tipo de conversa com os pais.
D7	No meu ponto de vista, atualmente não há dificuldades em falar sobre sexualidade no ambiente escolar. A sociedade está mais desenvolvida e os jovens possuem uma certa liberdade para falar sobre o assunto em relação a alguns anos atrás. Além disso, eles se interessam sobre o tema em questão.
D8	Primeiro por falta de materiais didáticos, laboratórios de ciências equipados com materiais voltado para demonstração prática voltada para o tema abordado.
D9	Alguns pela questão religiosa, ainda há quem adotam uma doutrina tradicional [...]
D10	O comportamento dos adolescentes com relação ao tema.

Quadro 8 – Dificuldades que professores enfrentam ao trabalhar o tema sexualidade. Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

Diante dos dados expostos acima, o docente D1 afirma não ter nenhuma dificuldade, assim como a docente D7 que acredita não existir dificuldades para falar sobre a sexualidade na escola. No entanto, para as docentes D3 e D4 o que pode dificultar o professor a levar adiante o assunto são: a falta de atenção, de respeito, do comprometimento, devido os alunos levarem na brincadeira ou para o lado da pornografia.

É importante que o professor busque estratégias ou recursos que impulsionem os alunos a darem mais atenção ao assunto. A princípio é normal que o aluno não dê crédito sobre a sexualidade, pois o conhecimento de mundo dele está associada a prática do ato sexual que ele viu ou ouviu falar fora da escola. Então, como a sexualidade envolve outros fatores, o professor precisa fazer um planejamento, para que na aula o aluno se depare com um assunto de caráter responsável e que ao mesmo tempo, desperte a sua curiosidade, para adentrar ao assunto e interagir no intuito de discutir as dúvidas.

Novak (2013) através de sua pesquisa direcionada para as dificuldades do docente em trabalhar a temática na sala de aula, entende que o professor além da ação e orientar, precisa criar momentos de reflexão com base em informações do cotidiano, afim de auxiliar o educando em suas dúvidas, pois para ela, é desta maneira que o educador conseguirá formar indivíduos integrais. Assim, ele precisa ter noção do que seus alunos sabem sobre sexualidade, para em seguida, apresentar as respostas corretas.

Outros detalhes importantes se encontram nas considerações das docentes D2, D5 e D6, as quais lamentam a falta de uma mentalidade aberta, a predominância do preconceito que, para a docente D5 começa em casa quando os pais evitam os filhos terem contato com este tipo assunto ou em razão dos pais não manterem um diálogo sobre a sexualidade com os filhos, como expôs a docente D6.

A docente D7 tem a visão de uma sociedade desenvolvida por entender que hoje os jovens tem mais liberdade de expressão, do que nos tempos antigos e por perceber que os alunos tem interesse sobre a temática em questão. O docente D8 aponta que as dificuldades ocorrem por falta de materiais didáticos específicos sobre a temática e a ausência de laboratórios equipados para demonstração prática, além do mais, os costumes religiosos de profissionais que optam por metodologias de ensino tradicionais, pode ser outro aspecto que dificulta o trabalho do professor na opinião da docente D9.

Na fase da adolescência onde estão se manifestando os primeiros desejos sexuais há também uma grande dificuldade de muitos jovens na compreensão de sua própria identidade sexual. Onde estão na fase de descoberta de si mesmos, e é aí aonde surge a maioria das dúvidas referentes às suas próprias descobertas (NOVAK, 2013).

Ao trabalhar sexualidade em sala de aula, as dificuldades enfrentadas pelos professores nem sempre são as mesmas, mas na maioria dos casos, as maiores dificuldade referem-se à falta de material didático, a conversa paralela, as quais acarretam em discussões com os demais alunos. Fora da sala de aula o problema que os professores enfrentam é a não aceitação dos pais com a temática, pois acreditam que ainda não está na hora de seus filhos começarem a saber sobre sexualidade (NOVAK, 2013).

Holanda et al (2010) destacam que a família representa competência prioritária nesta educação, que deveria se iniciar no âmbito familiar. Muitas vezes, no entanto, a família não consegue cumprir tal atividade e transfere a responsabilidade à escola. A escola acaba por ocupar na posição de contribuir para a formação do indivíduo, pois a autora afirma que os professores valorizam a orientação e a conscientização dos alunos, preparando-os para a vida, assim, a inexperiência e a insegurança acerca de estar preparado para abordar a temática constituíram outro aspecto encontrado pelos professores como elemento que compromete a prática da educação sexual na escola.

Foi perguntado aos docentes se conhecem alguma estratégia pedagógica que facilite o seu trabalho na sala de aula, a ponto de sensibilizar os alunos sobre os riscos no ato sexual e obtiveram-se as respostas demonstradas no quadro 9 abaixo:

DP	RESPOSTAS
D1	Sim. Orientação aos alunos sobre prevenção e respeito.
D2	Propondo uma caixinha de questionamentos, onde os alunos anonimamente colocam suas dúvidas e o professor poderá responder, ou até então, um profissional convidado da saúde.
D3	Não.
D4	Não
D5	Não
D6	Infelizmente em relação ao conteúdo ministrado não existe relação.
D7	Existem muitas atividades que ajudam dependendo do assunto. Geralmente desenvolvo dinâmicas e reflexões que tragam ensinamentos, afetividade e o lado crítico. Falar como se sentem e como é o contexto em que vivem.
D8	O uso de data show, com imagens que chame a atenção dos alunos (as) a entender como funciona o sistema reprodutor.
D9	Sim, a importância da prevenção para não adquirir uma gravidez para as meninas e um filho não planejado para os meninos além das DST's. os preservativos existentes e a forma correta de uso.
D10	Não.

Quadro 9 – Estratégia pedagógica que facilite o ensino e sensibilize os alunos. Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

Nitidamente, os dados da tabela acima informam que as docentes D3, D4, D5, D6 e D10 não conhecem nenhuma estratégia pedagógica que relacionem a

sexualidade a sua disciplina que ministra, chegando a crer que não exista alguma metodologia que seja possível fazer essa relação na sala de aula, como especificou a docente D6.

Segundo Junqueira (2009, p. 18), os professores ainda não possuem “diretrizes e instrumentos adequados para enfrentar os desafios relacionados aos direitos sexuais e à diversidade sexual”. É nítido, primeiramente, a necessidade de se ter um processo de formação continuada para atualizar os professores quando eles forem tratar desses assuntos em sala de aula.

Além disso, estudos mostram que a formação cultural, religiosa ou ética do professor pode ser associada aos conhecimentos específicos necessários para compreender o comportamento sexual dos adolescentes no momento atual, podendo a sua metodologia de trabalho render aprendizagens satisfatórias e prazerosas para os adolescentes que passam por diversos problemas de identidade cultural, sexual e pessoal.

Segundo, é de competência do professor buscar informações e estar atualizado a respeito de assuntos sobre educação sexual para facilitar a construção por parte dos jovens de conhecimentos a partir de pesquisas. A prática do professor deve incentivar os jovens a ter uma saúde sexual plausível, orientando-os na sua formação pessoal e profissional. (JUNQUEIRA, 2009).

Já os docentes D1, D8 e D9 afirmam conhecer métodos pedagógicos para abordar a sexualidade a partir das orientações sobre ações preventivas e a atitude de manter respeito no meio social, e também, fazer uso de recursos tecnológicos como data show, onde o professor seleciona imagens adequadas e que despertem a atenção do aluno para a temática, enfatizando a gravidez precoce, a função do preservativo e o seu uso, como explicou a docente D9.

Os docentes participantes estando cientes de que estratégias pedagógicas podem fazer uso dentro de sua disciplina que ministra, ocorre uma desconstrução da aula tradicional, na qual o professor não estará centralizado apenas nos conteúdos de forma expositiva, explicam Lima e Almeida (2010).

Ou seja, tanto o professor quanto o aluno passam a saborear o conhecimento dialogado mediante a metodologia, que tem “como ponto de partida os seguintes questionamentos: o saber quê, um saber como, um saber por que é um saber para quê” (LIMA; ALMEIDA, 2010, p. 730). Com isso, o professor pode abordar dialeticamente sua estrutura pedagógica mais efetiva e objetiva, ao invés de

simplesmente trabalhar assuntos desconectados da realidade do adolescente dentro e fora da sala de aula.

É interessante destacar que a docente D7 possui experiências de metodologias que auxilia o professor na educação sexual, e afirma fazer uso de dinâmicas ou reflexões para ensinar e promover a afetividade. Além disso, é possível que a docente D2 tenha experiência de como incluir temas semelhantes a sexualidade na sala de aula, porque ela indicou a proposta de uma caixinha de questionamentos, para que os alunos escrevam anonimamente as suas dúvidas, para posteriormente serem esclarecidas pelo professor.

Há uma grande deficiência no que se refere a uma formação voltada à sexualidade, pois os professores que se disponibilizam para abordar esse assunto em sala de aula o fazem apenas a partir de algumas leituras sobre sexualidade, e inevitavelmente muitos deles partem de suas próprias opiniões sobre sexualidade e relações de gênero, deixando muito a desejar no que se refere a uma abordagem de maneira que se discuta através das vivências diária dos alunos, e assim os impossibilita de uma visão crítica frente a construção das identidades sexuais (JUNQUEIRA, 2009).

Solicitou-se a opinião dos professores participantes sobre os principais objetivos que um professor deve estabelecer e alcançar ao trabalhar a temática sexualidade na escola, adquiriu-se as respostas apresentadas no quadro 10:

DP	RESPOSTAS
D1	Esclarecer para o aluno (a) previna-se, eduque-se e saiba respeitar e conviver com pessoas que possuem opção sexual diferentes (homossexualidade)
D2	Como conscientizar os adolescentes com o cuidar do próprio corpo e com o “tocar” intencional e não permitido de pessoas alheios.
D3	Sensibilizar os alunos quanto ao sexo seguro, demonstrar que é necessário ter responsabilidade ao iniciar a sua vida sexual e buscando se proteger dos riscos que existem.
D4	Os alunos mais abertos para integrar e discutir o assunto
D5	Acredito que passar para os alunos as diferenças entre sexo e sexualidade. Para que assim tomem conhecimentos do assunto de algo que é rodeado de tabus.
D6	Não vejo relações pois são abordagens distintas.
D7	Prepara-los para a vida de forma satisfatória e segura. Desenvolver atitudes responsáveis: orientar sobre os possíveis riscos de se contrair doenças (DST's) e gravidez indesejada ou precoce.
D8	Mostrar a sexualidade, é opção de cada um, alguns casos são genéticos, não é escolha é sim nascem.
D9	Processo educativo global, envolvendo o conjunto dos fenômenos físico, social e orgânico.
D10	Principalmente ter conhecimento que cada aluno tem o seu tempo para se discutir o tema sexualidade.

Quadro 10 – Objetivos que o professor deve ter ao trabalhar com a temática “sexualidade na escola”.

Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

Diante dos dados expostos, a docente D6 informa que não ver nenhuma relação para querer associar o assunto sexualidade com a disciplina Geografia, a qual ela ministra. A docente D4 entende que o professor deve integrar a temática na sala de aula, para poder gerar discussões com o objetivo de que os alunos desenvolvam sua mentalidade, sem esquecer de que cada aluno tem o seu tempo e ritmo de aprendizagem sobre um assunto, reiterou a docente D10.

A abordagem adotada na sala de aula pelo professor é objetivada com o auxílio do aluno na construção dos seus valores e identidade sexual. A contribuição do educador proporciona bem-estar emocional e evita a confusão cognitiva na busca de respostas às perguntas desenvolvidas ao longo da adolescência e precisa ser encarada como natural ao ser humano (LIMA; ALMEIDA, 2015).

A docente D5 acredita que é preciso diferenciar os conceitos entre sexo e sexualidade com clareza, já que se trata de um assunto repleto de tabus, e que segundo a docente D9, faz parte de “*processo educativo global*” que se constitui em um conjunto de fenômenos: físico, social e orgânico. Na opinião da docente D3, o professor precisar ter como objetivos ensinar os alunos sobre as responsabilidades devidas que o indivíduo deve ter ao iniciar a vida sexual e sensibilizá-los quanto a prática do sexo com segurança para evitar os riscos, como sendo uma forma de prepará-los para uma vida satisfatória e segura, complementa a docente D7.

Já a docente D2 propõe o cuidado com o próprio corpo, com os toques intencionais e não permitido de outras pessoas, objetivos diferentes do docente D8, que opta por mostrar a sexualidade nas condições em que é opção individual e quando se trata de casos genéticos a partir do nascimento.

Percebe-se nestes dois parágrafos anteriores, a concordância dos docentes com a abordagem proposta pelos PCN, ao sugerir que a educação sexual ocorra de forma clara, porém sutil, de acordo com os questionamentos surgidos, explorando o cotidiano, sem o intuito de estimular ou reprimir. O professor deve satisfazer as curiosidades dos alunos com franqueza, à medida que forem surgindo os problemas, por meio de vocabulário simples e compreensível (BRASIL, 1998).

Questionou-se sobre a opinião dos professores participantes ao se deparar com alunos que falam constantemente em sexo e foi obtido as seguintes respostas descritas no quadro 11:

DP	RESPOSTAS
D1	Ouvir, saber as razões e orientar.

D2	Só teria como me posicionar conhecendo melhor o estudante e depois de uma conversa, mas podemos constatar, mesmo não sendo uma regra que este estudante pode estar sendo influenciado devido o contexto familiar.
D3	Que ele quer chamar a atenção dos colegas, pois geralmente tratam o sexo como algo muito vulgar.
D4	Precisa de ajuda pois isso não é comum.
D5	Bom, chamaria a atenção do mesmo, pois não é algo normal para estar constantemente falando.
D6	Eles não conseguem separar o sexo de sexualidade.
D7	Pode ser que esta aluna esteja se descobrindo, que iniciou sua vida sexual ou que está tendo reações proveniente da idade. Adolescentes apresentam muito interesse em conversar sobre o assunto.
D8	Explicou que o sexo não é só para o prazer, mas serve também para, tirar o estresse, se sentir bem e perder algumas calorias, porém com muito cuidado com as palavras.
D9	Sinceramente, acho que ele não sabe o verdadeiro sentido da palavra, essa pessoa precisa estudar sobre o assunto ou alguém deve explicar algumas verdades.
D10	Acredito que ou ele pratica de forma irresponsável ou se depara em casa ou em outro ambiente.

Quadro 11 – Opinião do professor participante ao presenciar alunos que falam sempre em sexo.

Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

De acordo com as informações acima, o docente D1 informa que a sua primeira atitude é apenas ouvir, em seguida, saber as razões para então depois orientar. As docentes D6 e D9 afirmam que os alunos não sabem distinguir sexo de sexualidade e que o indivíduo precisa conhecer o assunto e ser repassado algumas verdades. Já as docentes D4 e D5 acreditam não ser um comportamento normal e que deve chamar a atenção deles ou indicar algum tipo de ajuda específica.

Conhecer e respeitar os jovens em seu modo de vida, ideias, valores e anseios é a base do trabalho educativo em geral e em especial sobre sexualidade. Trabalhar com adolescentes não é fácil. Implica em lidar com os próprios conflitos, mudar atitudes, rever o passado. A sexualidade do adolescente remete o professor e a professora para a sua sexualidade. Todos nós recebemos algum tipo de educação sexual que, na maioria das vezes, reflete um pensamento dominante (SUPLICY et al, 2007 *apud* SÁ-SILVA, 2015).

A sexualidade requer um espaço de confiança e intimidade; aí se dialoga, se confrontam as ideias, ocorrem vivências, trocam-se experiências e informações. A escola deve buscar acrescentar valores aos seus alunos, e junto com os educadores mais uma vez tenta mostrar de forma delicada e precisa que essa sexualidade, deve atuar em seu próprio benefício e não contra eles, como muitos jovens e adolescentes pensam. Dessa forma, seja qual for a visão sobre o assunto, é importante ainda que se possa manter uma relação de compreensão e aceitação de sua própria sexualidade.

Nessa perspectiva, espera-se que o professor possua conhecimento sobre o tema, para levar a seus alunos informações claras e adequadas, estabelecendo uma relação de confiança entre os mesmos, respeitando a opinião dos alunos e seja ainda aberto e flexível ao diálogo quando necessário.

Na opinião das docentes D10, D3 e D2, alunos que falam constantemente em sexo pode estar praticando com irresponsabilidade, ou presenciando em outros locais fora da escola. A docente D3 entende que os alunos em tais condições queiram apenas chamar a atenção dos colegas, já que sexo para muitos é um assunto vulgar, no entanto, a docente D2 teria a atitude de conhecer esses alunos através do diálogo para saber se estão sendo influenciados no contexto familiar ou não.

Por ser uma experiência única, para ser abordada como tema de discussão, a sexualidade requer um espaço de confiança e intimidade, é na sala de aula que se dialoga, se confrontam as ideias, ocorrem vivências, trocam-se experiências e informações. O professor, é sobretudo, um educador que observa e reflete para o grupo as diversas opiniões para que cada indivíduo se torne capaz de ser sujeito de seu desenvolvimento emocional e sexual.

Ao transformar-se e rever atitudes, o educador proporciona as condições para também o aluno se transformar: a construção da autoestima; a elaboração do pensamento crítico e criativo; a promoção do respeito e da solidariedade. Sendo a adolescência uma fase de intensos questionamentos e estruturação da personalidade, uma orientação bem conduzida será bem valiosa, pois possibilitará a alunos, a alunas, a professores e professoras construir juntos o conhecimento sobre a sexualidade humana e darem novos significados a suas vivências. (SÁ-SILVA, 2015).

Diferentemente das situações anteriores, a docente D7 ao presenciar alunos que falam muito sobre sexo, pensa que eles possam estar tendo suas primeiras experiências e tem interesse em querer saber mais, sendo assim uma reação normal na fase da adolescência. O docente D8 afirma que explica o que é o sexo para esses alunos e esclarece que não se trata apenas de prazer, mas de outros benefícios que o corpo humano adquiriu.

Suplicy *et al.* (2007 *apud* SÁ-SILVA, 2015) elencam algumas ações que podem ser úteis no trabalho de educação sexual junto aos alunos e às alunas: problematizar e facilitar as discussões entre jovens, auxiliando-os a amadurecer

suas opiniões, ao invés de impor suas ideias ao grupo; não ditar regras de comportamento nem se colocar como modelo; evitar situações de autoritarismo; incentivar alunos e alunas a pesquisar, consultar bibliotecas e buscar informações dentro de um contexto mais amplo; utilizar jogos e dinâmica de grupo para promover a desinibição, a integração do grupo, a expressão dos sentimentos e a compartilhagem de vivências; dar oportunidades para os indivíduos se conhecerem e confiarem uns nos outros; estimular a manifestação de problemas, de dúvidas e da curiosidade, possibilitando o apoio mútuo na busca de soluções; evitar depoimentos sobre a própria vida sexual; ter interesse no processo educativo como um todo; ter disponibilidade para aprofundar conhecimentos sobre a sexualidade; ter experiência da faixa etária com a qual vai trabalhar; estimular a expressão das ideias, medos, anseios e dúvidas dos alunos mais tímidos; ajudar o aluno a lidar com a pressão do grupo e a se individualizar (formação da identidade).

Buscou-se saber como os professores participantes se sentem diante da possibilidade de trabalhar a temática Sexualidade com seus atuais ou futuros alunos e obteve-se as respostas exibidas no quadro abaixo:

DP	RESPOSTAS
D1	Sinto-me à vontade
D2	Ao trabalhar essa temática, sinto-me à vontade.
D3	De certa forma, atualmente, com preocupações, já que muitos sabem os riscos que correm ao realizar sexo sem proteção, mas mesmo assim o “calor” da idade os impedem de serem responsáveis quanto ao sexo.
D4	Não me sentiria a vontade, uma vez que falar da sexualidade ainda é um tabu.
D5	Preocupada, pois trabalhar sexualidade não é fácil, por se tratar de tema bastante polêmico.
D6	Não projeto essa possibilidade
D7	Normal. Já ministrei muitas palestras sobre o tema. Sexualidade deveria ser algo comum, digo falar sobre o assunto. Existem muitos adolescentes sem orientação levando uma vida sexual ativa muito precoce e sem responsabilidade.
D8	Bem, pois como professor de CFB, devo ensinar como ocorre na adolescência as mudanças físicas e mentais, os benefícios e os “malefícios”.
D9	Realmente é uma proposta legal. Precisamos incluir essa temática nas séries do fundamental maior (do 6º ao 9º ano).
D10	Me sinto segura, pois é algo que faz parte do cotidiano de todos, porém, estão totalmente sem conhecimento, desorientados.

Quadro 12 – Possibilidades do professor em trabalhar o tema com seus atuais/futuros alunos. Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

Diante das respostas, os docentes D1, D2 e D10 afirmaram que se sentem à vontade para falar sobre a sexualidade na sala de aula, por ser algo que está presente na realidade de todos, porém, a docente D4 afirmou que não, por se tratar de um tema ainda considerado um tabu.

A educação sexual é um tema de grande importância a ser tratado nas esco-

las, por ter a função de preparar, esclarecer e alertar os alunos para se prevenirem contra doenças sexualmente transmissíveis, ou uma gravidez indesejada e prepará-los também para compreender e respeitar as diversidades presentes no âmbito da sexualidade, para que não assumam uma postura preconceituosa, mas que aprendam a respeitar as diversidades. Infelizmente, poucas são as escolas que abordam esse tema em seus projetos pedagógicos.

É interessante destacar que a docente D7 avalia a inclusão da temática Sexualidade como uma prática normal para o professor, pois para ela o aluno leva uma vida sexual sem orientações corretas. O docente D8 entende como uma responsabilidade da profissão docência ensinar como ocorre na adolescência as mudanças físicas e mentais, sejam elas boas ou ruins. Já a docente D9 entende como uma proposta boa a ser colocada em prática pelo professor no Ensino Fundamental II.

Sendo a escola o local onde os alunos ficam grande parte do dia, é necessário que sejam tomadas ações para levar estes jovens às informações que lhes foram negligenciadas no âmbito familiar e na sociedade. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, é necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema através de formação continuada, questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens. (BRASIL, 1998).

As docentes D3 e D5 se sentem preocupadas diante da situação de trabalhar o assunto Sexualidade na escola, porque apesar de muitos estarem cientes dos riscos, continuam a praticar o sexo sem responsabilidade e também por ser um assunto complexo e polêmico, além disso, a docente D7 afirmou não haver nenhuma possibilidade em incluir o assunto na sala de aula.

Os PCNs trabalham com a nomenclatura “Orientação Sexual”, porém consideramos que o termo orientar se restringe a ideia de guiar, mostrar, não considerando toda a complexidade de interpretação, conhecimento, opinião e escolhas que a sexualidade abrange na vida dos indivíduos. Os PCNs utilizam este termo para apresentar as intervenções educativas promovidas pela escola.

Ao refletir essas questões, é interessante que se faça o uso do termo “Educação Sexual”, por entendê-la como adequada ao sentido de formar os

indivíduos como sujeitos críticos, que conhecem a diversidade presente no exercício da sexualidade, e que respeitam e sentem-se seguros a escolher o caminho que mais lhes completa como seres humanos. A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos (BRASIL, 1998).

A Educação Sexual, portanto, abrange mais que os aspectos de saúde ou de reprodução sexual, ela se vale da afetividade, do respeito e da responsabilidade que a sexualidade exige. Ela atua como forma de contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade, incluindo também a esse tema o exercício da cidadania na medida em que, de um lado, se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro e por outro lado busca garantir direitos básicos a todos.

Por fim, foi direcionado aos professores participantes o seguinte desafio: “Imagine que você tivesse que elaborar uma atividade hoje para trabalhar o assunto “Sexualidade” com a(s) sua(s) turma(s) diante da(s) disciplina(s) que você ministra atualmente na Escola Antônio Gonzaga Barros, qual seria o assunto didático, a descrição das atividades e os seus objetivos?” Obteve-se as seguintes colocações deles:

DP	RESPOSTAS
D1	Assunto Didático: Homossexualidade e seus desafios; Descrição da atividade e objetivos propostos: propor, após a leitura e debates sobre o tema, a elaboração de “textos dissertativos/argumentativos” e/ou “narrativas de fatos que os (as) alunos (as) têm conhecimento e também através de peças teatrais.
D2	Assunto Didático: sexualidade; Descrição da atividade e objetivos propostos: conscientizar-se sobre higiene pessoal; adotar hábitos de auto respeito; prevenir-se de gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis; realizando uma dinâmica do abraço; convidando um profissional da área da saúde para ministrar uma palestra; pesquisar o índice de gravidez precoce no Município, assistindo vídeos com depoimentos sobre o auto respeito.
D3	Trabalharia com atividades de modo que fôssemos discutir atividades educativas como DST, Métodos contraceptivos e gravidez na adolescência.
D4	Assunto Didático: Família, aluno, professor e escola; Descrição da atividade e objetivos propostos: convocaria para que todos pudessem ter participação na orientação sexual, pois é algo que não depende apenas do aluno e professor. Com o objetivo de transmitir informações corretas aos alunos e fazer com o que os pais fiquem mais participativos nessa fase em relação a temática.
D5	Assunto Didático: prevenções; Descrição da atividade e objetivos propostos: a importância dos métodos contraceptivos, tanto para gravidez precoce, quanto para doenças sexualmente transmissíveis, pois é algo que dar para se proteger através dessas informações, do conhecimento.
D6	Assunto Didático: mentalidade saudável sobre o sexo; Descrição da atividade e objetivos propostos: os alunos precisam ter uma mentalidade em relação ao sexo. Eles precisam amadurecer essa ideia.
D7	Assunto Didático: sexualidade – tradições e costumes; Descrição da atividade e objetivos

	propostos: diversidade cultural; a formação da sociedade brasileira; a história da maquiagem, cultura; a representação do corpo na arte. Mostrar como surgiu a miscigenação, resgatar a história e a formação das famílias tradicionais, compreender que os costumes e tradições se modificam com o tempo, observar que as obras de arte em diferentes épocas retratam a figura humana e a sexualidade.
D8	Assunto Didático: Educação Sexual; Descrição da atividade e objetivos propostos: demonstrar e explicar como ocorre tais fatores no ciclo
D9	Assunto Didático: abuso sexual/família(r); Descrição da atividade e objetivos propostos: expositiva e dialogado
D10	Assunto Didático: relações de gênero e sexualidade; Descrição da atividade e objetivos propostos: trabalharia didática, na importância de se prevenir contra DST e gravidez indesejada.

Quadro 13 – Atividade e o assunto didático caso o professor trabalhe a sexualidade hoje. Fonte: Professores da Escola Antônio Gonzaga Barros (2019).

O docente D1 informou que a sua atividade idealizada intitulada de *“Homossexualidade e seus desafios”* priorizaria a prática de leitura e debates sobre o tema, além disso, trabalharia a produção de textos dissertativo-argumentativo para melhor explorar o conhecimento crítico. As atividades informadas pelas docentes D2, D3, D5 e D10 possuem títulos diferentes, mas suas propostas de ensino são semelhantes, cujos objetivos destacariam a higiene pessoal, métodos de prevenção contra gravidez precoce na adolescência, pauta sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), feitas pelo próprio professor ou por algum palestrante da área da saúde, como especificou a docente D2.

Cabe aqui ressaltar que a educação e a informação não pressupõem mudanças rápidas de atitudes para o fenômeno da gravidez na adolescência e das doenças de transmissão sexual, no entanto são facilitadoras nos processos comportamentais, podendo contribuir para a adesão de práticas sexuais mais seguras entre os adolescentes. Dessa forma, o processo de socialização na infância e na adolescência é fundamental para a construção da identidade, e as instituições de ensino e de saúde, por meio de seus projetos e atuação efetiva de seus profissionais, têm grande responsabilidade na formação futura de cidadãos sociáveis, participativos e saudáveis (CHAVEIRO *et al*, 2015).

As atividades idealizadas pelas docentes D6 e D4 intituladas *“Mentalidade saudável sobre o sexo”* e *“Família, aluno, professor e escola”* teriam como finalidades, dispor de informações afim de que os alunos tenham uma mentalidade mais aberta a respeito da Sexualidade e incentivariam os pais a participarem da orientação sexual, que segundo a docente D4 é uma prática que deve iniciar na família, para não depender apenas da escola e do próprio aluno, tornando os pais mais participativos nessa fase em que os adolescentes se sentem confusos com o assunto.

A escola não pode fugir da responsabilidade de tratar a questão sexual, pois se não fizer estará transmitindo aos alunos a noção de que o assunto é mesmo um tabu, sobre o qual não se deve falar, ou ainda que é algo que não é objeto de conhecimento sério, não faz parte da educação e se aprende com os colegas, ou através de revistas e filmes pornográficos. Mesmo que a escola se omita estará acontecendo algum tipo de educação sexual. Provavelmente repressiva, inadequada e deformadora.

Não há garantia de que o aluno venha a receber na rua ou através dos meios de comunicação as informações necessárias para uma vida afetiva e sexual harmoniosa. É função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade com responsabilidade. Ao permitir e promover conversações, debate, entre os adolescentes e fornecer informações corretas, a orientação sexual na escola dá oportunidade ao adolescente de repensar seus valores pessoais e sociais, bem como compartilhar suas preocupações e emoções (CASAROTO, 2014).

A docente D7 idealizou uma atividade intitulada “Sexualidade – tradições e costumes”, em que a mesma propôs um ensino voltado para a diversidade cultural, levando em consideração toda a trajetória histórica da sociedade brasileira, o surgimento da miscigenação e a organização de famílias que se modificam com o tempo, afim de comprovar e informar aos alunos que a sexualidade está presente em todas as épocas históricas, as quais são retratadas nas obras de arte. Já os docentes D8 e D9 apenas informaram os títulos de suas atividades e algumas propostas como: a demonstração e explicação sobre os fatores que serem a sexualidade e seus ciclos e desenvolvimento do seu o assunto de forma expositiva e dialogado.

Os PCNS pretendem ser um referencial fomentador de reflexão sobre os currículos escolares, como uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas curriculares. O tema transversal deve impregnar toda a área educativa do ensino fundamental e ser tratado por diversas áreas do conhecimento. Os conteúdos tratados na escola devem destacar a importância da saúde sexual e reprodutiva e cuidados necessários para promovê-la. A escola precisa realizar a integração de serviços públicos de saúde, conscientizar para a importância de ações prioritariamente preventivas e remediativas se for o caso (BRASIL, 1998).

Portanto, diante da afirmação de todos os docentes participantes deste estudo, fica evidente que eles não precisam ser especialistas em Educação Sexual, mas apenas um profissional devidamente informado sobre a sexualidade humana que reflita sobre ela, sendo capaz de criar contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégias de informação, de reflexão e de debate de ideias, reciclar-se e atualizar seus conhecimentos de forma a ensinar a pensar, tornando-se mediador do conhecimento. A escola é lugar eleito para inserir, no processo educacional uma educação preventiva. Quando se fala em sexualidade, pressupõe-se falar de intimidade e de relações afetivas (MOIZÉS; BUENO, 2010).

3.4 PARECER SOBRE OS RESULTADOS

Diante dos dados apresentados, é possível verificar que alguns professores tem uma visão reducionista com relação a sexualidade no ambiente escolar, pois desperdiçam a oportunidade de tratar do assunto com os alunos, não projetam para futuramente incluir a temática ou abrir discussões na sua disciplina em que ministram, e muito menos associar com os assuntos didáticos.

Outros concordam em abordar a sexualidade e até sugerem com base nas experiências anteriores, fazendo uso de questionamentos, sem a intenção de estimular ou reprimir. O professor deve satisfazer as curiosidades dos alunos com franqueza, à medida que forem surgindo os problemas, por meio de vocabulário simples e compreensível.

Identificou-se que o entendimento dos docentes ainda se encontram limitada aos aspectos biológicos, pautadas nos conceitos das ciências naturais que enfatizam a reprodução humana, a anatomia e fisiologia do corpo humano. Os PCN orientam que essa concepção não satisfaz a curiosidade do aluno, nem desperta o interesse para a sexualidade, além disso, a escola ganha maior responsabilidade quando os pais não se dispõem ou possuem bloqueio para abordar o tema sexualidade com os filhos, já que é uma das maiores dificuldades também citada.

Há docentes que tem uma visão mais ampla sobre a sexualidade, bem próxima daquilo que realmente deve ser interpretado e ensinado, no entanto, prevalece o despreparo e a insegurança no que diz respeito a trabalhar o assunto na sala de aula, devido os preconceitos e tabus, que geram barreiras para que os

docentes executem suas estratégias, afim de garantir a formação da sexualidade sadia, bem como promover a saúde e o bem-estar dos alunos.

É preciso que seja realizado formação continuada para que os professores tenham as orientações devidas e consigam trabalhar com os alunos e ter retorno participativo deles, além disso, é importante criar um vínculo de apoio de setores ou profissionais da saúde, capacitados para subsidiar a prática da abordagem nos encontros ou reuniões que a escola realiza, oferecendo assim, oportunidades de orientações e reflexões.

Além disso, o professor pode elaborar atividades para incluir a temática em sua disciplina e fazer uso de recursos como, filmes, dinâmicas, o aluno pode conhecer mais sobre a sexualidade por meio de charges e quadrinhos, representação de fatos do cotidiano, palestras, música, jogos educativos, leitura de textos de apoio, atividades coletivas de disputas, criação de vídeos reflexivos, Quiz eletrônicos e o professor pode também realizar eventos como oficinas para que sejam trabalhados as questões biológicas, fisiológicas ou preventivas pelos próprios alunos a ensinar os colegas, dentre estas metodologias, o professor deve escolher aquela que seja diversificada e que possibilite ele observar e avaliar, determinando assim a melhor didática para se trabalhar o assunto dentro de sua disciplina.

Nestes termos, é essencial nos preocuparmos com a formação e preparo dos educadores, estimulando-os, orientando-os e, principalmente, apoiando-os, para que os mesmos possam desenvolver um trabalho de debates e reflexões junto aos alunos. É importante que a escola promova projetos de Orientação Sexual continuados, com promoção de conhecimentos, saberes e discussões, permitindo que professores e alunos definam valores bem fundamentados e pautados no respeito e empatia.

CONCLUSÃO

A formação do aluno seja pelo ponto de vista da família, escola ou sociedade, beneficia no aspecto da compreensão do dilema sexual, surgindo de forma significativa na fase da adolescência e, por conseguinte, as orientações para (re)construção de conceitos sobre a sexualidade passa a ocorrer mediante a uma ação conjunta e discursiva entre a família e escola.

É compreensível que a família e a escola tenham dificuldades para trabalhar questões que relacionam o desenvolvimento dos alunos, que em alguns contextos sociais são tidas como irrelevantes. No entanto, a escola é um ambiente que integra pessoas com personalidades distintas, o que leva a ocorrência de confrontos conceituais e, em alguns casos, preconceitos e violência. Estas problemáticas tem resultado em discussões não só na época atual, há muito tempo têm buscado refletir sobre o papel o professor, este que além do desafio de ensinar os conteúdos didáticos, orienta, avalia, executa experiências, eventos, projetos educativos em prol de uma construção da aprendizagem apreciável a partir dos primeiros contatos do indivíduo com a escola.

Logo, no contexto atual, o docente não deve se isentar do dever de estar atento às tendências e orientações que movem a intervenção docente, no seu espaço de trabalho e que corresponde a Educação Sexual, a fim de compreender as dificuldades que os jovens vivenciam no dia a dia. É necessário que seja pautado algumas propostas que visam a elaboração de metodologias que ocasione momentos para debates, diálogos entre professor e aluno sobre temas alusivos à sexualidade, sem intimidar os desejos ou reprimir comportamentos dos alunos, mesmo sendo diferente do que o professor espera ou imagina ser “adequado”.

Diante disso, o professor precisa buscar informações, estar atualizado a respeito dos assuntos sobre Educação Sexual, para após dispor de informações e abrir discussões acerca das diferentes temáticas, com base nas pesquisas. A escola junto à Secretaria de Educação precisa ofertar formação continuada para os educadores e orientar sobre as melhores práticas pedagógicas, que ensine os alunos a terem uma vida sexual com saúde, permitir que eles reflitam e avaliem seus próprios conceitos e valores pessoais/sociais, concedendo liberdade de expressão na sala de aula que é seu segundo ambiente acolhedor, promovendo a afetividade e o respeito quanto as escolhas e pensamentos do próximo em suas disciplinas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. **A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 22, n. 1, p. 71-76, 2009.

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. **A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 22, n. 1, p. 71-76, 2009.

ALTMANN, Helena. **Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Estudos Feministas**, 2001, p 575 - 585. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>>. Acesso em: 24 de abril de 2016.

AMARO, Ana; PÓVOA, Andreia; MACEDO, Lucia. **A arte de fazer questionários**, 2004/2005. (Relatório) Metodologias de Investigação em Educação, Departamento de Química. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Porto – Portugal, 2004/2005.

AMORIM, Luiz Gustavo Tenório. **Educação e sexualidade – Da história da sexualidade à prática docente**, 2014. (Monografia) Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus V – João Pessoa, 2014.

AQUINO, Camila; MARTELLI, Andréia Cristina. **Escola e Educação Sexual: uma relação necessária**, 2012. Disponível em:<[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/2012/Genero,Sexualidade educação/trabalho/12 40 16 1105-7444-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/2012/Genero,Sexualidade%20educa%C3%A7%C3%A3o/trabalho/12%2040%2016%201105-7444-1-PB.pdf)>. Acesso em: 14 fev. de 2019.

BARROSO, Carmen; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1998. (Biblioteca da Educação – Série 1 – Escola – vol. 13)

BOMFIM, Sandra Souza. **Orientação sexual na escola: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão**. 2009. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Pedagogia, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2009.

BRASIL Ministério da Saúde. **Manual do multiplicador: adolescente/ Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente transmissíveis e AIDS** – Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

_____. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

_____. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde e Prevenção nas escolas: guia para a formação de profissionais de saúde e educação/Ministério da Saúde, Secretaria de vigilância em saúde** –Brasília :Ministério da saúde, 2006

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Orientação Sexual**. In: _____. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais, Ética**. SECRETARIA de Educação Fundamental-Brasília :MEC/SEF,1997

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 83-111.

CASAROTO, Aline Lilian Prestes. **Atividades Pedagógicas para Contextualização da Adolescência e da Valorização do Corpo**, 2014. Cadernos PDE. Governo do Estado do Paraná, 2014. Disponível em:<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_bio_pdp_aline_lilian_prestes_teifke.pdf>. Acesso em: 25 de out. 2019.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Os jovens e a sexualidade: um panorama da realidade brasileira**, 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26897.pdf>>. Acesso em: 21 de out. 2019.

CHAVEIRO, Laine Gomes *et al.* **Análise da temática sexualidade no contexto escolar com professores da educação básica**, 2015. Artigo da Revista Rene Rene, set-out; 16(5):690-8, 2015. Disponível em:<<http://periodicos.ufc.br/rene/article/download/2829/2195/>>. Acesso em: 25 de out. 2019.

COSTA, Vera Lúcia Pereira. **Função social da escola**, 2011. Disponível em:<http://www.dreearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf>. Acesso em: 14 fev. de 2019.

DELABETHA, Andiara; COSTA, Gisele Maria Tonin da. **Psicopedagogia e suas áreas de atuação**. In: Revista de Educação do IDEAU. Vol. 9, nº 20, jul.-dez. 2014. ISSN: 1809-6220. Disponível em: <http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/230_1.pdf >. Acesso em: 11 nov. 2019.

DINIZ, Rodrigo. **O Complexo de Castração e Seus Aspectos Comuns no Menino e na Menina**. 2012. Disponível

em:<<https://psicologiaecontexto.files.wordpress.com/2012/02/1.pdf>>. Acesso em 2 de jan. 2019.

EGYPTO, Antonio Carlos. **Por onde começar? O que ler?** In:_____ (Org.). **Orientação Sexual na Escola: um projeto apaixonante**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FARIAS, Thaiz Maira da Silva; NANTES, Elaine da Silva; AGUIAR, Sirlei Maria de. **Fases Psicosssexuais Freudianas**. IV SIES – Simpósio Internacional de Educação Sexual, Feminismos, Identidades de gênero e políticas públicas, 2015. Disponível em:<<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>>. Acesso em 2 de jan. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Londrina: EDUEL, 2006.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação Sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michael. **A mulher e os rapazes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREUD, Sigmund. **Um Caso de Histeria, Três Ensaio Sobre Sexualidade e Outros Trabalhos (1901-1905)**. Ed. 1, v. 7 Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GERHARDT, Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisas**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GIKOVATE, Flavio. **O Jovem e a sexualidade**. 2002. Disponível em:<<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=66>>. Acesso em 2 de jan. 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GONÇALVES, Elisabeth Maria Vieira et al. **Fala Educadora! Fala Educador!** São Paulo: Laboratório Organon, 2000.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. **Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios**, 2011. Disponível em: < <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784>>. Acesso em 2 de jan. 2019.

GRISANTE, Adriane Garcia; MAISTRO, Virgínia Iara de Andrade. **Discutindo sexualidade: possibilidades e desafios no ambiente escolar**, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_cien_pdp_adriane_garcia_de_oliveira.pdf>. Acesso em: 14 fev. de 2019.

GUIMARÃES, A. M. A. N.; VIEIRA, M.J.; PALMEIRAS, J. A. **Informações dos Adolescentes sobre Métodos Anticoncepcionais**. Revista Latino-americana de Enfermagem, v. 11, n. 3, p. 293-298, 2003.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na Escola: Mito e realidade**. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

GUIRALDELLO, Vaneide Aparecida Pereira; PIRES, Marilene Mieko Yamamoto. **Educação Sexual na Escola: uma reflexão necessária**, 2013. Cadernos PDE Vol. 1. Governo do Estado do Paraná, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fafipa_cien_artigo_vaneide_aparecida_pereira.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2019.

HAETINGER, Max Günther; HAETINGER, Daniela. **Jogos, Recreação e Lazer**. 2ª edição. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

HALL, Calvin Springer; LINDZEY, Garnder. CAMPBELL, Jhon B. **Teorias da personalidade**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Dados Eletrônicos, Porto Alegre: Artmed, v. 4, 2007.

HOLANDA, Marília Lima de *et al* . **O papel do professor na educação sexual de adolescentes**, 2010. Cogitare Enferm. Out/Dez; 15(4):702-8, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/download/20371/13540>>. Acesso em: 08 de out. 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LÁZARO, André Luiz de Figueiredo (Org.). Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

LEÔNCIO, Joana. **A orientação sexual nas escolas a partir dos parâmetros curriculares nacionais**. Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 3, número 12, novembro de 2013

LIMA, Edson; ALMEIDA, Graziela Brito de. **Educação sexual e práticas pedagógicas**, 2010. IV Colóquio de História, UNICAP, 2010. Disponível em:<<http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.723.pdf>>. Acesso em: 10 de out 2019.

LINDEMBERG, Cariê. **GLS: entendendo as entendidas**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

LOPES, G; MAIA, M. **Desinformação sexual entre gestantes adolescentes de baixa renda**. Rev. Sexol; v.2, n.1, p.30-33. 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro- Posições, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago 2008.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual**. Revista Psicopedagogia on line- Educação & Saúde, 2010.

MENDES, Mariana Lucas; RIBEIRO, Cristiane Maria. **Estudos de gênero e Sexualidade: Um Panorama das Produções de Dissertações e Teses na Área de Ensino e nos Programas de Pós Graduação Goianos**, 2019. Disponível em:<<http://cecifop.sistemasph.com.br/index.php/cecifop/CECIFOP2019/paper/download/241/564>>. Acesso em: 21 de out. 2019.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental**, 2010. Rev. Esc. Enferm. USP, 2010. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342010000100029&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 de out. 2019.

MOTT, Luiz. **Antropologia, teoria da sexualidade e direitos humanos dos homossexuais**. Revista Bagoas. [S.l.], n.1, 2007, p.61-75.

NOVAK, Elaine. **Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual nas escolas**, 2013. Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A Educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade além da transversalidade**. Campinas, SP: Autores Associados. 2000.

PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade, Gênero e Mídia: Projeto de Educação Sexual com estudantes de Comunicação e Psicologia**. Psicologia.com.pt, v. -, p. 1--, 2013. Disponível em:<http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0712>. Acesso em 2 de jan. 2019.

RAAAB, Departamento de Educação de Jovens e Adultos/Secad e Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil. **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília :UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

RIZZA, Juliana Lapa; RIBEIRO, Paula Regina Costa; MOTA, Maria Renata Alonso. **A sexualidade nos cursos de licenciatura e a interface com políticas de formação de professores/as**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, e176870, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e176870.pdf>>. Acesso em: 21 de out. 2019.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. - Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1998.

ROCHA, Cristiane de Castro Laranjeira; OLIVEIRA, Alana Priscila Lima de; NASCIMENTO, Jeane Cristina Rodrigues do Nascimento. **Sexualidade no contexto escolar**, 2012. VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade” São Cristóvão-SE, 2012. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_14/PDF/6.pdf>. Acesso em: 14 fev. de 2019.

RODRIGUES, Gelberton Vieira; PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **A sexualidade nos meios de comunicação: concepções de estudantes de jornalismo**. IV SIES – Simpósio Internacional de Educação Sexual, Feminismos, Identidades de gênero e políticas públicas, 2015. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/667.pdf>>. Acesso em 2 de jan. 2019.

RODRIGUES, Humberto. **O amor entre iguais**. São Paulo - Editora Mythos, 2004.

RUSSO, Kalline; ARREGUY, Marília Etienne. **Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”: percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar**, 2015. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ, 2015.

SÁ- SILVA, Jackson Ronie. **Ações docentes em educação sexual nas escolas**, 2015. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/download/915/727>. Acesso em: 12 de out. 2019.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. **A Educação Sexual na Escola: Algumas Possibilidades Didático-metodológicas**. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED-PR, 2009. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/sexualidade.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2019.

SANTOS, M. A. **Orientação sexual no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental: uma realidade distante?** Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001.

SANTOS, Rosanalia Sthefanie Norberto dos. **Educação para a sexualidade: uma abordagem necessária**, 2016. (Monografia) Curso de Pedagogia, Centro de Educação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SAYÃO, Roseli. Saber o Sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Julio Gropa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4ª Ed., São Paulo: Summus, 1997. Disponível

em:<<https://books.google.com.br/books?id=w8bedwPuSnIC&pg=PA97&lpg=PA97&q=Os+problemas+da+informa%C3%A7%C3%A3o+sexual+e+o+papel+da+escola+roseli+sayao&source=bl&ots=zfwDgHCHLq&sig=ACfU3U2xuWgKRTCma0TL9G7JkYlvt8A8FA&hl=pt- =X&ved=2ahUKEwiD2efxqbDIAhXCjFkKHRM7AF4Q6AEwAnoECAkQAQ#v=onepage&q=Os%20problemas%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20sexual%20e%20o%20papel%20da%20escola%20roseli%20sayao&f=false>>. Acesso em: 10 de out. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SOLARO, Thaís Almada. **Sexualidade e Gênero na sala de aula: abordagens didáticas e discussões**, 2015. Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SUPLICY M. **Conversando sobre Sexo**. Petrópolis (RJ): Vozes; 1999.

SUPLICY Marta. **Adolescente e sua sexualidade**. 2000. (Entrevista) Disponível em <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=3>.> Acesso em 2 de jan. 2019.

TIBA, I. **Adolescência: o despertar da sexualidade**. São Paulo: Gente, 1994.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. **Adolescentes e paternidade, um estudo fenomenológico**. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

VASCONCELOS, Naumi. **Os dogmatismos sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

ANEXOS



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-CESUPI
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Este questionário tem como finalidade de contribuir para o trabalho de conclusão de curso-TCC, intitulado: **SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: Análise na Escola “EMEF Antônio Gonzaga Barros”, Itaituba-PA.**

ACADÊMICA: Ivani Dos Santos Cardoso.

Orientador: Professor Especialista Dhemesbraene Soares da Silva.

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

Categoria 1: Dados de identificação

1.1 Nome: _____ (apenas o primeiro nome)

1.2 Sexo: () Feminino () Masculino

1.3 Idade: _____ anos.

Categoria 2: Dados sobre o perfil profissional

2.1 Curso de Graduação: _____

2.2 Tempo de formação: _____ anos.

2.3 Pós-graduação Lato Sensu: () Sim () Não

Qual? _____ Ano: _____

2.4 Pós-graduação Stricto Sensu: () Sim () Não

() Mestrado, Curso: _____ Ano: _____

() Doutorado, Curso: _____ Ano: _____

2.5 Disciplinas que ministra atualmente na referida escola pública:

Categoria 3: Contato com o tema na Formação

3.1 “Educação sexual/Sexualidade na escola” foi um tema/assunto presente na graduação?

() Sim () Não

Se sua resposta for Sim, como você considera o nível de abordagem do tema na sua graduação?

() Bastante abordado () Pouco abordado () Abordagem simples () Nunca abordado

3.2 “Educação sexual/Sexualidade na escola” foi um tema/assunto presente na

Especialização, Mestrado ou Doutorado? () Sim () Não

Se sua resposta for Sim, como você considera o nível de abordagem do tema?

() Bastante abordado () Pouco abordado () Abordagem simples () Nunca abordado

Categoria 4: Conhecimento sobre a Sexualidade no Ambiente Escolar

4.1 Qual o conceito de sexualidade para você? _____ [...]

4.2 O que você entende por Educação Sexual?

[...]

4.3 Você acredita que **o conhecimento ou as experiências sexuais dos estudantes podem influenciar positivamente** nos assuntos trabalhados **em sala de aula**? Discorra.

[...]

4.4 Alguma vez você mencionou sobre as **diferentes opções sexuais** (homossexualidade)? **Descreva a situação que ocorreu.**

[...]

4.5 Cite **quais as maiores dificuldades** que você acredita que os professores enfrentam ao **trabalhar o tema sexualidade no ambiente escolar**?

[...]

4.6 Você conhece alguma **estratégia pedagógica** que facilite o seu trabalho na sala de aula, de forma a contribuir e sensibilizar os alunos dos riscos no ato sexual? **Descreva-a.**

[...]

4.7 Na sua opinião, quais objetivos deve ter **o professor de sua área** ao trabalhar com a temática “sexualidade na escola”?

[...]

4.8 Se você ver um/a **estudante que fala constantemente em sexo**, qual a sua opinião?

[...]

4.9 Neste momento, como você se sente **diante da possibilidade de se trabalhar essa temática** com seus atuais ou futuros alunos?

[...]

4.10 Imagine que você tivesse que **elaborar uma atividade hoje para trabalhar o assunto “Sexualidade” com a(s) sua(s) turma(s) diante da(s) disciplina(s) que você ministra atualmente na Escola Antônio Gonzaga Barros**, qual seria essa atividade e o assunto didático?

Disciplina: _____

Assunto didático: _____

Descrição da atividade e objetivos propostos: _____

[...]

CARDOSO, Ivani dos Santos.

SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: Análise na Escola E.M.E.F. Antônio Gonzaga Barros, em Itaituba-PA./ Ivani dos Santos Cardoso. Itaituba: FAI, 2020.

89 f.: 18 il.

Prof.º Esp. Dhemesbraene Soares da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, FAI. Itaituba, BR - PA, 2020.

1. Educação Sexual. 2 Sexualidade. 3. Orientação. 4. Estratégias Pedagógicas. I SILVA. Dhemesbraene Soares da. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2020.